

ANA ISA SOARES PEREIRA

**A ABORDAGEM HOMEOPÁTICA APLICADA NA
PRÁTICA CLÍNICA VETERINÁRIA – UM ESTUDO
RETROSPECTIVO**

Orientador: Doutor Pedro Faísca

Co-orientador: Mestre Lara Alves

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Medicina Veterinária

Lisboa

2012

ANA ISA SOARES PEREIRA

**A ABORDAGEM HOMEOPÁTICA APLICADA NA
PRÁTICA CLÍNICA VETERINÁRIA – UM ESTUDO
RETROSPECTIVO**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Medicina Veterinária no Curso de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária, conferido pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Orientador: Professor Doutor Pedro Faísca
Co-orientador: Mestre Lara Alves
Responsável Externo: Dr.^a Carla Guerra

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Medicina Veterinária

Lisboa

2012

- 2 -

A ausência da evidência não significa evidência da ausência.

Carl Sagan, cientista e astrónomo americano

Agradecimentos

À Dr.^a Carla Guerra agradeço o saber transmitido durante e após o estágio, a disponibilidade em ajudar e por ser um exemplo de uma digna Médica Veterinária que sempre lembrarei na vida profissional.

Ao Professor Doutor Rui Perestrelo, presto a minha gratidão pela prestabilidade e generosidade demonstradas no decorrer desta dissertação, bem como na expansão do conhecimento na área de homeopatia.

À Sandra Ferreira Santiago e Emanuel Ferreira Santiago pela disponibilidade e empenho no fornecimento de detalhes sobre o caso clínico desenvolvido na presente dissertação.

À Mestre Lara Alves, grata pelo papel preponderante, cujo o enorme interesse, profissionalismo e companheirismo revelados foram determinantes para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao Professor Doutor Girão Bastos, pela força que induziu à realização desta dissertação.

Ao Professor Doutor Pedro Faísca, pelo auxílio e acessibilidade bem como disponibilidade na resolução de momentos críticos durante a realização desta dissertação.

Ao Professor Mauro Bragança, pela flexibilidade de tempo dispendido ao tratamento estatístico e apoio ao tema da presente dissertação.

Aos Familiares, agradeço o apoio incondicional e a paciência inesgotável.

Aos Companheiros/as de vida que sabem ser especiais, agradeço cada vivência partilhada, cada palavra sábia, toda a preocupação e apoio.

Aos Animais que nos possibilitam entender o mundo de outra forma, simples e naturalmente sábia.

A ABORDAGEM HOMEOPÁTICA NA PRÁTICA CLÍNICA VETERINÁRIA – UM ESTUDO RETROSPECTIVO

Resumo

A homeopatia é uma forma holística de medicina, que visa um dos princípios hipocráticos '*Similia similibus curantur*', o semelhante cura o semelhante, isto é, a doença pode ser tratada através da administração de princípios activos que induzam, num animal saudável, sintomas semelhantes aos provocados pela doença. É possível prescrever em diversas situações clínicas, como única opção ou complementar de diferentes terapêuticas, de forma a promover a saúde animal.

A presente dissertação consta de um estudo retrospectivo baseado numa amostra com 68 gatos e 23 cães, observados durante 60 dias no decorrer do estágio curricular na Clínica Refúgio da Bicharada, na qual se procede à caracterização da aplicação da homeopatia na prática clínica.

A aplicação de tratamento homeopático verifica-se em 75% dos animais da amostra, enquanto que o tratamento homeopático complementar em 25% da amostra. O tratamento homeopático exclusivo foi prescrito com maior frequência na área da etologia (100%; n=28), seguido de doenças do tracto respiratório (90%; n=18) e gastroenterologia (55%; n=6). As doenças em que mais foi prescrito o tratamento homeopático exclusivo foi em coriza (93%; n=14); agressividade em ninhadas (100%; n=14); apatia comportamental (100%; n=9); osteoartrose (57%; n=4); gengivo-estomatite e asma brônquica (75%; n=3); e obstipação (100%; n=3).

Verifica-se que em várias circunstâncias se recorre a medicamentos homeopáticos como opção terapêutica, aplicando-os como tratamento único ou complementar na prática clínica de pequenos animais.

Palavras-chave: homeopatia, terapêutica, cão, gato, prática clínica

A HOMEOPATHIC APPROACH IN CLINICAL VETERINARY PRACTISE – A RETROSPECTIVE STUDY

Abstract

Homeopathy is a holistic medicine wich aims to Hippocratic principles ‘Similia similibus curantur’, like cures like, ie, the disease can be treated by applying a substance that induces similar symptoms in a healthy animal. It can be prescribed to various clinical situations as single option or as complement of other therapies in order to promote animal health.

This dissertation consists of a retrospective study based on a sample with 68 cats and 23 dogs, observed for 60 days during internship in Refúgio da Bicharada Clinic. This study contains a discription of homeopathic application in clinical practice.

The application of homeopathic treatment is veryfied in 75% of the animals of the sample, while the complementary homeopathic treatment in 25% of the sample. The exclusive homeopathic treatment was most commonly prescribed in ethology (100%; n=28) followed in diseases of the respiratory tract (90%; n=18) and gastroenterology (55%; n=6). Diseases in which exclusive homeopathic treatment was more often prescribed were coryza (93%; n=14); aggressiveness in litters (100%; n=14); freezing behaviour (100%; n=9); osteoarthritis (57%; n=4); gengivostomatitis and bronchial asthma (75%; n=3); and constipation (100%; n=3).

It is shown that homeophatic medicines are used in various circumstances as a treatment option by aplying them as single or complementary therapy in clinical practice for small animals.

Key-words: homeopathy, treatment, dog, cat, clinical practise

Lista de Abreviaturas, siglas e símbolos

%	percentagem
§	parágrafo do livro <i>Organon – a arte de curar</i>
ω	ómega
®	marca registada
p - value	nível de significância
AINES	anti-inflamatórios não esteróides
a.C.	antes de Cristo
BiD	duas vezes ao dia
c	velocidade
CH	escala centesimal Hahnemaniana
DL	decreto-lei
DH	escala decimal Hahnemaniana
E	energia
FiV	vírus da imunodeficiência felina
FeLV	vírus da leucemia felina
GE	gengivo-estomatite
IC	intervalo de confiança
ICP-AES	Inductively coupled plasma atomic emission spectroscopy (Espectometria de emissão atómica por plasma acoplado indutivamente)
kg	quilograma
IFN	interferon
LM	escala cinquenta milésimal
m	massa
mg	miligrama
ml	mililitro
n	dimensão da amostra
PCR	Polymerase chain reaction (Reacção de polimerase em cadeia)
PO	<i>per os</i>
RCTs	randomised controlled trials
SAED	Selected area electron diffraction (Difracção de electrões de área seleccionada)
SiD	uma vez ao dia
TEM	Transmission electron microscopy (Microscopia electrónica de transmissão)
TFF	Transferência da frequência energética farmacológica

ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
VetCR	Veterinary Clinical Research-Database in Homeopathy

Índice Geral

Introdução.....	13
1.1. Percurso histórico.....	16
1.1.1. Sobre Hahnemann e seu contributo.....	17
1.1.2. Depois de Hahnemann	18
1.1.3. Homeopatia Veterinária	20
1.2. O que é a homeopatia?	22
1.2.1. Dinâmica entre saúde e doença em homeopatia	22
1.2.2. Doença Aguda <i>versus</i> Doença Crónica	24
1.2.3. Doença crónica.....	24
1.2.4. Princípios Clássicos da homeopatia.....	27
1.2.5. Medicamento homeopático	32
1.2.6. Semiologia homeopática.....	40
1.3. A importância da Etologia.....	47
1.4. Exemplo de um caso clínico	48
1.4.1. Abordagem homeopática da Gengivo-Estomatite Crónica Felina	52
1.4.2. Prescrição homeopática.....	53
1.5. Objectivos	56
2. Material e Métodos	57
2.1. Amostra.....	57
2.2. Métodos	57
3. Resultados.....	59
3.1. Caracterização da amostra.....	59
3.2. Tratamento homeopático e tratamento complementar homeopático	62
4. Discussão	70
4.1. Discussão do estudo estatístico	71

4.2. Considerações finais	78
5. Conclusão.....	82
Bibliografia.....	84
Apêndices.....	I
Anexos	VI

Índice de Tabelas

Tabela 1	População de canídeos e felídeos por género	60
Tabela 2	Idade Média <i>versus</i> espécie.....	60
Tabela 3	Distribuição e percentagem de canídeos por estado reprodutivo	61
Tabela 4	Distribuição e percentagem de felídeos por estado reprodutivo	61
Tabela 5	Género <i>versus</i> estado reprodutivo	61
Tabela 6	Distribuição dos animais por tratamento homeopático e complementar homeopático	62
Tabela 7	Distribuição e percentagem de animais por área médica	63
Tabela 8	Distribuição e percentagem dos animais por repertorização (<i>simillimum</i>).....	68

Índice de Figuras

Figura 1	Gata Clarinha (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)	48
Figura 2	Fase aguda da doença – mucosa oral (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)	49
Figura 3	Corrimento nasal – Infecção por Calicivírus (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)	50
Figura 4	A – Cavidade Oral 6 semanas após terapêutica homeopática; B – Cavidade Oral 9 meses após terapêutica homeopática (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)	51
Figura 5	Percentagem de animais por espécie	59
Figura 6	Percentagem de canídeos e felídeos por género	60
Figura 7	Percentagem de animais por tratamento (homeopático e complementar homeopático)	62
Figura 8	Distribuição dos animais por área médica e tratamento (homeopático e complementar homeopático)	64
Figura 9	Distribuição dos animais por doenças e aplicação de medicamentos homeopáticos	65
Figura 10	Distribuição dos animais por doenças e tratamento (homeopático e complementar homeopático)	67
Figura 11	Percentagem dos animais por repertorização	68

~ Introdução ~

Há mais de dois séculos surgiu uma nova abordagem terapêutica, a homeopatia, a cura através do princípio dos semelhantes "*Similia similibus curantur*", o semelhante cura o semelhante. A ideia originou-se com Hipócrates, considerado "Pai da medicina", sendo posteriormente desenvolvida pelo alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843).

A abordagem homeopática engloba uma nova forma de compreender o significado de saúde e consequentemente de doença. A terapêutica homeopática trabalha sobre as forças curativas de cada ser vivo, ou, como diziam os antigos, as 'forças curativas da natureza', e portanto, compreende a homeostase, os meios inerentes ao próprio organismo para manter o seu equilíbrio e a sua saúde.

A tendência pessoal da autora sempre se direccionou a premissas naturais, integrativas e individuais, percepcionando de forma interrelacionada o corpo físico, o campo mental/comportamental e o campo energético, e valorizando as peculiaridades do paciente através de uma interacção médico-paciente mais próxima. Daí advém o encaminhamento para um estágio que abordasse outras formas terapêuticas e, posteriormente, o interesse na realização desta dissertação.

Actualmente, a homeopatia assiste a uma abertura gradual, note-se pela frequente prática em humanos e na sua crescente aplicação em animais. A Organização Mundial de Saúde afirma que a homeopatia é o segundo sistema médico mais utilizado internacionalmente em humanos (Malik, 2011). A sua expressão está por toda a parte no mundo. Existe uma grande ligação à homeopatia por todo o Continente Americano, especialmente nos Estados Unidos da América, Canadá, Argentina e México (Malik, 2011). Na Índia mais de 100 milhões de pessoas recorrem apenas à homeopatia (Ullman, 2010).

A Europa é a líder das medicinas complementares usadas por médicos, principalmente em Inglaterra, França e Alemanha (Ullman, 2010). Actualmente, existe uma base de dados europeia, única até à data, a Veterinary Clinical Research-Database in Homeopathy (VetCR), que reúne informação proveniente de estudos de homeopatia na área de medicina veterinária (Clausen & Albrecht, 2010).

A homeopatia veterinária tem sido utilizada na Grã-Bretanha desde 1900, e na América do Norte o seu uso tem aumentado nos últimos 20 anos. Nos Estados Unidos e no Canadá existe anualmente um curso profissional em homeopatia veterinária. (Vockeroth,

1999) Surge ainda como primeira opção nos sistemas de Produção Biológica. (Silva et al., 2005)

Segundo Bernard Ejzemberg, “A medicina é a arte de melhor prevenir, detectar e curar, e só cabe a existência de uma única medicina, na qual todos os recursos possíveis devam fazer parte, tenham a denominação original de medida alopática, homeopática, molecular, acupuntura, natural ou sintética. É nossa obrigação, portanto, buscar a integração de toda a arte médica, voltada para a saúde, com a obtenção de melhor resultado e menor risco.” (Ejzemberg, 2008).

A polémica instalada à volta da homeopatia ao longo destes anos, deve-se ao seu afastamento de um quadro científico baseado apenas na acção químico-molecular, e por entender que o fenómeno da vida inclui outras dimensões que precisam de ser compreendidas e integradas. Actualmente, o corpo ainda é visto através da visão cartesiana, isto é, pelos seus aspectos mecânicos e químicos. No entanto existe um grande esforço de cientistas dedicados a estudos sobre energia, partículas e física quântica que estão relacionados com toda a temática homeopática.

Dado que nenhuma modalidade terapêutica pode resolver todos os problemas de saúde, a homeopatia é passível de ser considerada uma opção. No desenvolvimento desta dissertação, pretende-se expôr esta abordagem terapêutica, com o objectivo de que a consideremos uma escolha praticável, de forma a exercê-la e aplicá-la na nossa rotina veterinária, baseando a nossa percepção do que é a cura, entre a razão e a intuição para assim se cumprir com integridade a dita *ars medicina*, a *arte da cura*.

Na presente dissertação a autora optou por relatar um caso clínico, no qual a abordagem homeopática foi essencial.

O paciente em questão trata-se de uma gata de 4 anos que apresentava gengivo-estomatite crónica felina associado a um quadro de calicivirose. Durante 2 anos esteve submetida a tratamento convencional, recorrendo posteriormente à homeopatia por falta de resposta efectiva.

A gengivo-estomatite (GE) é a segunda causa mais frequente de doença oral em felídeos (Niza, Mestrinho & Vilela, 2004). Caracteriza-se por uma inflamação difusa úlcero-proliferativa que acomete as mucosas alveolar, jugal, lingual e/ou do arco palatino (Niza et al., 2004). A inflamação oral é normalmente extensa, acompanhada de proliferação, ulceração e hiperemia nos tecidos afectados (Niza et al., 2004). Devido à elevada

refractibilidade e recidivas esta doença requer um tratamento individualizado, ponderando o uso de medicamentos e avaliando a escolha da terapia mais adequada.

Assim, a primeira parte da dissertação aborda a revisão bibliográfica sobre a homeopatia e o relato do caso clínico acima mencionado. A segunda parte consta de um estudo retrospectivo de 91 casos clínicos assistidos durante 60 dias, no âmbito do estágio curricular na Clínica Refúgio da Bicharada em Carcavelos, demonstrando em que tipo de situações foi implementado o tratamento homeopático e tratamento complementar homeopático.

O período de tempo a que se reporta a amostra não permite avaliar a resolução efectiva dos casos clínicos, nomeadamente nos casos de doenças crónicas. O tempo da resposta clínica em homeopatia é um factor determinante, sendo necessário dar tempo ao organismo de forma a serem observados os possíveis resultados decorrentes do tratamento (Mathie, Hansen, Elliott & Hoare, 2007).

Neste intuito, a autora pretende demonstrar a possibilidade e vantagens inerentes da introdução da homeopatia na prática clínica, adaptando sempre o tratamento a cada caso, unificando diferentes procedimentos terapêuticos que permitam melhorar cada vez mais a qualidade da prática individualizada.

1.1. Percurso histórico

Existem referências desde tempos antigos sobre o uso dos princípios homeopáticos, nomeadamente do Antigo Egipto, China e no continente americano – através das civilizações Incas e Astecas, e, posteriormente, dos nativos americanos (Vockeroth, 1999).

A ideia inicial na medicina ocidental surge no século IV a.C. com Hipócrates (460-377a.C.), considerado o Pai da medicina. A medicina assiste ao afastamento da superstição e à aproximação da observação, “a natureza pode curar”. Hipócrates considerava que o tratamento das doenças era constituído por três princípios:

- A natureza encarrega-se de restabelecer a saúde do doente e cabe ao médico tratá-lo imitando a natureza, a fim de conduzi-lo a um perfeito estado de saúde. (vis medicatrix naturae);
- Os sintomas podem ser tratados directamente com medidas contrárias a eles, “*Contraria contrariis curentur*”;
- A doença pode ser debelada por aplicação de medidas semelhantes à doença, chamada Lei dos Semelhantes, “*Similia similibus curentur*” (Morato, 2006).

Sobre a lei dos semelhantes, Hipócrates refere ainda: “O que produz a estrangúria, cura a estrangúria; o que causa o vômito, cura o vômito; o que dá febre a um homem são, cura um homem que tem febre” (Benites, 2008).

Estas premissas basearam-se na dedução lógica proveniente da observação dos fenómenos naturais da evolução do ser humano doente. Considerava que os seres estão em harmonia com o cosmos, sendo unidades vitais sujeitas a influências do meio ambiente (Luna, 2007). Respeitava a individualidade e a complexidade de cada paciente, propondo o conhecimento da natureza do homem, afirmando que havia doentes e não doenças (Barollo, 2007).

Galeno (138-201 a.C.), considerado o Pai da medicina convencional, importante médico anatomista e fisiólogo grego, privilegiou a lei dos contrários. O conhecimento médico torna-se o único grande sistema e nasce o pensamento científico. Esta visão prevalece até aos dias de hoje nos meios académicos ortodoxos e na medicina convencional (Barollo, 2001).

Na época do Renascimento, no século XVI, Paracelso (1493-1541) referiu no ítem IV do Prólogo Terceiro sobre as formas de curar, o seguinte: “Medicina dos espíritos: seus médicos cuidam e curam as enfermidades mediante filtros e infusões que coagulam o espírito de determinadas ervas e raízes, cuja própria substância foi anteriormente responsável pela doença...” (Benites, 2008). Escreveu também que “A natureza se defende, e ela mesma curará por si só as enfermidades. Assim como a enfermidade nasce da saúde, a saúde nasce da enfermidade”. Observou uma relação de unidade entre o universo e o homem, o macrocosmos e o microcosmos. Novamente, a ideia de que a natureza é o principal elemento de cura é reafirmada (Luna, 2007).

René Descartes (1596-1650) foi uma das figuras-chave na revolução científica, concebendo uma visão mecanicista do Universo: tudo funciona qual uma máquina. Decorrente desta visão, vem o conhecimento detalhado de cada parte, a actuação em cada parte, sem perceber sua interrelação com o todo (Barollo, 2001).

Samuel Hahnemann (1755-1843), desenvolveu e afirmou em 1790, a referida ideia por Hipócrates: a cura pelo semelhante, largando a medicina convencional para se dedicar à sistematização dessa abordagem, à organização dos conhecimentos obtidos sobre esta ciência e à formulação de uma terapêutica prática e coerente, por meio de um enorme trabalho experimental (Barollo, 2001).

1.1.1. Sobre Hahnemann e seu contributo

Hahnemann iniciou os seus estudos em medicina em 1775, na Universidade de Leipzig. Nos primórdios da sua carreira, enquanto se dedicava a exercer a profissão de médico, estudou várias línguas estrangeiras e traduziu vários livros e textos para alemão, como também publicou documentos na área da química e medicina (Hamilton, 1999).

Contrariamente à medicina estabelecida na época, e terminando a sua prática em 1790, Hahnemann resolveu iniciar o seu estudo sobre os efeitos de diferentes componentes da natureza como animais, plantas e minerais, em si (Lobão, 1994), amigos e colegas que se voluntariavam ao verificar os efeitos dos medicamentos homeopáticos (Vockeroth, 1999). Preparava e agitava extractos diluídos do material seleccionado, tomava-os e anotava tudo o que sentia, emocional e fisicamente (Lobão, 1994).

O que impulsionou o início desta experimentação foi quando traduziu a *Matéria Médica* de William Cullen, no qual se considerava o efeito curativo de *China* (*Cortex piruvianis* - de onde se extrai a quinina) no tratamento da malária (Hamilton, 1999).

Hahnemann decidiu experimentar *China* em si próprio para perceber os seus efeitos, satisfazendo todos os requisitos científicos: experimentação, observação, repetição, comprovação com explicações dos fenómenos observados e suas inter-relações (Barollo, 2007). Referiu que a intoxicação por *China* causava sintomas semelhantes aos que a malária induzia. Desta sua experimentação descobriu novas abordagens relativamente aos medicamentos: primeiro, que cada impacto medicamentoso é diferente dos outros medicamentos, sendo único. Segundo, que testando cada medicamento com cuidado em pessoas saudáveis, conheceria assim os verdadeiros efeitos de cada medicamento no corpo (Hamilton, 1999). Devido à similitude dos efeitos de *China* com os sintomas da malária, propôs que foi essa semelhança que curou efectivamente a malária, contrastando com a visão de Cullen, que afirmava ser devido a propriedades de adstringência (Hamilton, 1999).

Publica *Organon da arte de curar*, em 1810, considerado a base de toda a teoria homeopática. Em 1817, volta a Leipzig, onde publica o primeiro volume da *Materia Medica Pura*, com vários outros volumes publicados depois, e em 1828 publica *Tratado sobre as doenças crónicas*, onde menciona a importância do reconhecimento de sintomas anteriores aos que motivam a consulta (Luna, 2007).

1.1.2. Depois de Hahnemann

No séc. XIX, a homeopatia disseminou-se por toda a Europa, Ásia e por toda a América (Lockie, 2001).

Nos Estados Unidos, Constantine Hering (1800-1880), foi seleccionado para escrever um livro com o objectivo de denunciar a teoria homeopática. Durante a sua pesquisa leu as afirmações de Hahnemann e resolveu pô-las em prática. Após confirmar os seus resultados positivos, Hering passa a defender a prática homeopática. Conclui os seus estudos, e viaja para América do Sul, onde desenvolve experimentações recorrendo ao veneno da cobra *Trigonocephalous lachesis*, o homeopático *Lachesis* e da abelha *Apis mellifica*, o conhecido *Apis* (Luna, 2007). Com ele surgiu também uma nova visão de cura, “Os pacientes apenas permanecem bem e realmente curados, quando se livraram dos seus sintomas na ordem inversa à do seu desenvolvimento”. Esta ideia demonstra os movimentos de cura do organismo: de dentro para fora, de cima para baixo, dos órgãos mais vitais para os menos, a reversão da ordem de aparecimento (Hamilton, 1999).

Semelhante à posição de Hahnemann face à homeopatia encontra-se James Tyler Kent (1849-1916). Possui bastantes seguidores da sua prática, a qual consiste em prescrever medicamentos usando doses únicas em altas potências (Hpathy, 2009).

Kent realizou um repertório único, com uma organização sistemática, precisa e completa, diferente dos repertórios até então, e por isso bastante usada ainda nos dias de hoje. Desenvolveu ainda conceito de “imagem”, uma grande ajuda na selecção correcta do medicamento de fundo (*simillimum*) (Hpathy, 2009).

Após a morte de Hahnemann, em 1843, a homeopatia já estava enraizada em diversas regiões do mundo, embora enfrentada com resistência. De 1860 a 1890, a homeopatia progrediu devido ao surgimento de hospitais homeopáticos e escolas, bem como aos ensaios de novos medicamentos ampliando a Matéria Médica existente (Lockie, 2001).

A homeopatia assiste a um declínio na primeira metade do séc. XX devido à influência crescente da American Medical Association e da British Medical Association. Diferentes linhas de homeopatia terão começado a surgir, havendo homeopatas a receitar com base apenas nos sintomas patológicos e em doses baixas, afastando-se do conceito clássico (Lockie, 2001).

Na maior parte do mundo continua a seguir-se a homeopatia clássica. Em França e na Alemanha surgiram práticas diferentes de homeopatia, sendo frequente o uso de uma combinação de medicamentos (Lockie, 2001). Na Austrália os medicamentos homeopáticos frequentemente são integrados em Naturopatia e na Índia os homeopatas trabalham com êxito acompanhados de medicina ayurvédica e da medicina convencional (Lockie, 2001).

Nos anos 90, professores britânicos difundiram cursos de homeopatia para a Europa Oriental e Rússia, locais onde continua a ser divulgada e desenvolvida (Lockie, 2001).

Na América do Sul a homeopatia é ensinada em escolas de medicina (Lockie, 2001).

1.1.3. Homeopatia Veterinária

A homeopatia veterinária surgiu na segunda metade do século XVIII, numa época em que surgiam na Europa grandes epidemias em animais como as pestes bovina e equina. Hahnemann acompanha estes surgimentos e em 1796, afirma: “se as leis da medicina que conheço e proclamo são certas e naturais, elas deverão ser aplicadas em todos os seres vivos”. Como tal, foi pioneiro também na experimentação nos animais, tratando com sucesso o seu cavalo afectado com uveíte recidivante, com *Natrum Muriaticum* (Silva, 2006).

Guillaume Lux (1773-1849), Médico Veterinário, em 1836 edita a primeira obra veterinária “*Homeopathic Veterinarian Physician*”. Seguem-se várias publicações, entre elas, “*As Doenças de Cavalos*”, de F. A. Gunter, na qual o autor afirma ter experimentado 188 medicamentos homeopáticos em equinos e o “*Manual da Medicina Veterinária Homeopática*” publicado por Lotzbeck. Por volta desta época, surgem também notícias dos Estados Unidos da América, de um cavalo curado de uma nefrite grave com uma dose de *Belladonna* 6CH por W. H. Smith (Silva, 2006).

Seguem-se inúmeras publicações tais como: em Paris, 1864, “*Le Nouveau Manual de Médecine Vétérinaire Homéopathique*” por Gunter; em Londres, 1853, “Manual para veterinários homeopatas” por John Rush e em 1898, “*Tratado de Homeopatia consagrado ao cavalo*” por Humdal; entre muitos mais até ao final do século XIX (Silva, 2006).

No século XX, em 1928 aparecem trabalhos entre eles um artigo “Homeopatia para animais” do médico humano R.H. Schneider, no qual afirma “sem dúvida alguma que a homeopatia é tão boa para o melhor amigo do homem, o cão, como para ele mesmo”. Um ano depois, o médico suíço Pierre Schmidt, relata em “Pequenas doses, grandes resultados”, as suas experiências na medicina veterinária sobretudo sobre a prevenção e tratamento da erisipela suína tratada com *Aconitum* 30CH (Silva, 2006).

Nos anos 30 aparece, na Revista Homeopática Francesa uma série de artigos de Pigot sobre o “*Tratamento Homeopático das Afecções dos Carnívoros Domésticos*” (Silva, 2006).

Em 1939, o Médico Veterinário Peyreque de Lourdes, usa medicamentos homeopáticos preparados a partir do veneno de serpentes, como a *Lachesis*, *Naja*, *Vipera* e *Crotalus*, no tratamento de diversas doenças de bovinos, como a pasteurelose, as

septicemias, a febre vitular e a piroplasmose, para além de gastroenterites infecciosas do gato (Silva, 2006).

Vittoz, em 1948, demonstra a acção da *Thuja* sobre as verrugas de bovinos, enquanto o Professor Bordet prova o seu êxito sobre os papilomas faríngeos do canídeo (Silva, 2006).

Dr. Plantureux, do Instituto Pasteur de Alger, 1950, apresenta um trabalho “*Investigações sobre o Tratamento da Raiva e Outras Doenças mediante a Homeopatia*”, que afirma ter tratado 35 casos de raiva, através do uso de um nosódio do vírus da Raiva e *Lachesis* 7CH, além de *Belladonna* e *Guaco*. Descreve também o uso de *Ferrum Phosphoricum* no tratamento da influenza suína e difteria aviária (Silva, 2006).

Em 1952, em França, os veterinários Aubry e Bardoulate publicam “*Medicina Veterinária Homeopática*”, obra que inclui o tratamento de grandes animais, de carnívoros domésticos e de aves e produção (Silva, 2006).

O Dr. Pierre Sheyre publica em 1954 um artigo intitulado “*Medicamento único e altas diluições*”, no qual declara “Os nossos fracassos não devem ser imputados à Homeopatia, mas a nós próprios.” (Silva, 2006).

A homeopatia surge como primeira opção terapêutica ao nível de um sistema de produção que tem vindo a aumentar as suas fronteiras, a Pecuária e Agricultura Biológica. Os princípios da Agricultura e Pecuária Biológicas defendem que o animal deve estar integrado no ecossistema, englobando a optimização da reciclagem dos nutrientes (fezes, biomassa vegetal), menor dependência de rações e fertilizantes, e aumentar os benefícios directos e indirectos de toda a sinergia (Silva et al., 2005).

1.2. O que é a homeopatia?

A palavra homeopatia tem origem em duas palavras gregas, *homios* e *pathos*, que significa, respectivamente, semelhante ou similar e sofrimento (Sánchez, 2006; Clover, 1993). Assim, ao reunirmos estas duas raízes, obtemos o termo que indica “semelhante ao sofrimento”, demonstrando a ideia base da homeopatia (Clover, 1993).

A homeopatia é uma forma holística de medicina, uma perspectiva sistémica, com o intuito de auxiliar o corpo na sua cura (Demers, 2007; Shealy, 1998), tratando toda a individualidade do animal, para além dos sintomas físicos (Lockie, 2001; Chappell, 1997), através da estimulação dos seus mecanismos naturais de defesa (Demers, 2007; Chappell, 1997).

A visão holística relaciona-se analogamente com a Teoria Geral dos Sistemas, criada pelo biólogo alemão Ludwig von Bertalanffy em 1954. Esta teoria dá ênfase à inter-relação e interdependência entre os componentes que formam um sistema, um todo integrado no qual é impossível estudar seus elementos isoladamente e qualquer mudança numa das partes afectará todo o conjunto (Vanderlei, 2010).

Em homeopatia admite-se a existência de uma “força organizadora” que ajuda a manter os organismos vivos num estado saudável, chamada de força ou princípio vital, ou Qi, na medicina chinesa (Clover, 1993). A força vital é considerada “...uma forma de exprimir a compreensão de que a estrutura visível no exterior é sempre dirigida por uma força invisível, residente no interior.” (Clover, 1993). Para J. Demers, o sistema imunitário do corpo físico, relaciona-se intrínsecamente com a força vital, e afirma que: “.. a força vital é a energia biomolecular que flui através do corpo e controla as suas funções.” (Demers, 2007).

1.2.1. Dinâmica entre saúde e doença em homeopatia

Hahnemann no seu livro clássico “Organon”, afirma: “...No estado de saúde, a força vital imaterial que dinamicamente anima o corpo material reina com o poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável actividade harmónica, nas suas sensações e funções...” (Hahneman, 1810, §9).

George Vithoulkas descreve esta energia vital como um campo bioeléctrico. Outra descrição dada por Harold Saxton Burr, engloba a noção de energia como um campo

complexo bioeléctrico, eléctrico sob o ponto de vista da Física, e que dadas as suas propriedades se relaciona com o sistema bioquímico e biológico (Demers, 2007).

O equilíbrio da energia vital, ou seja, estado de saúde, reflecte-se na integridade dos órgãos e regularidade de funções, costumes e comportamentos adequados de cada animal de acordo com a sua espécie (Kossak-Romanach, 2003).

Assim, a saúde, nesta perspectiva vitalista, representa a energia a fluir no corpo controlando as suas funções vitais de forma dinâmica e harmoniosa, que, desequilibrando-se implica o aparecimento da doença (Kossak-Romanach, 2003).

A doença é um conjunto de alterações anatómicas e funcionais, cuja manifestação se desenvolve por meio de sintomas físicos resultantes do processo de adaptação biológica a vários factores como: calor, tóxicos, alimentos, bactérias, vírus, parasitas, sustos, ciúmes, saudades, medo, stress, entre outros (Demers, 2007; Lobão, 1994).

Hahnemann considera a doença uma alteração do equilíbrio vital que precede a instalação do processo patológico e possibilita o desenvolvimento da alteração orgânica-mental. Admite-se que a doença surge a partir da invasão por um elemento específico (agente infeccioso), combinada com a predisposição do terreno, sendo que terreno é "...o organismo vivo caracterizado como um sistema completo, onde a anatomia, fisiologia e o psiquismo, antecedentes hereditários e adquiridos e a influência do meio, se apresentam como aspectos analíticos de um todo indivisível" (Luna, 2007; Kossak-Romanach, 2003). Este assunto será desenvolvido na secção 1.2.3.1. da presente dissertação.

Cada individualidade animal tem a sua própria forma de adoecer, bem como órgãos mais susceptíveis a alterações. Pode constatar-se através dos detalhes de cada sintoma, que se mostram diferentes de animal para animal, mesmo que a doença seja a mesma (Kossak-Romanach, 2003).

Os sintomas são "a imagem exterior que exprime a essência interior da doença, ou seja, distúrbio da força vital" (Hahnemann, 1810, §7). Os sintomas são a representação da doença por meio da exaltação dos mecanismos de defesa existentes. Por outras palavras, é a energia vital ou campo electromagnético a tentar reequilibrar-se de forma a que o organismo do ser vivo realize o processo de cura (Demers, 2007).

Segundo Vithoulikas, o organismo é mais do que a mera soma de seus componentes físicos, deduzindo-se a presença de uma “força vital” que anima, equilibrando o organismo em todos os níveis, na doença e na saúde (Vithoulikas, 1980).

Assim, quando uma estimulação externa ou interna invade o organismo, primeiro o seu campo electromagnético altera-se e adapta-se para neutralizar a acção desse estímulo, activando os mecanismos de defesa. Se o organismo estiver predisposto, susceptível à acção do estímulo, esta barreira pode não ser suficiente, ocorrendo alterações a nível físico, emocional e mental, dependendo da intensidade do estímulo e da resistência do campo electromagnético do organismo vivo em questão (Vithoulikas, 1980).

1.2.2. Doença Aguda *versus* Doença Crónica

A doença aguda é um tipo de doença com causa definida, com surgimento rápido, evolução característica e fim definido, ou seja, tem tendência espontânea à cura ou à morte (Weir, 2011; Hamilton, 1999). Os sintomas geralmente são similares em todos os pacientes, sendo menos individualizados do que no caso das doenças crónicas (exemplo: esgana, parvovírose, etc.) (Hamilton, 1999).

A doença crónica possui sintomas mais individuais, próprios de cada doente, aparecem de forma lenta e gradual, com evolução imprevisível e fim indeterminado (Weir, 2011; Hamilton, 1999). Os sintomas podem agravar e tornar-se mais fortes com o tempo (exemplos: infecções recorrentes, asma, tumores, etc.) (Hamilton, 1999).

De uma forma simples, Philip Incao, um antropólogo contemporâneo, descreveu doenças agudas e crónicas da seguinte forma: “Agudização é fogo que arde fortemente, e depois vai-se apagando sozinho. Cronicidade é fogo que arde sempre e nunca realmente se apaga.” (Hamilton, 1999).

1.2.3. Doença crónica

Hahnemann explica a doença crónica como uma expressão da predisposição existente em cada individualidade para determinadas doenças. Os desequilíbrios de saúde têm origem maioritariamente em doenças hereditárias, adquiridas ou num trauma emocional. Esta susceptibilidade subjacente, responsável pelas doenças, segundo Hahnemann, tem o nome de miasma (Chappell, 1997). O conceito actual é diátese.

(Barbara, 2000) Diátese é uma modalidade reaccional patológica, específica de um ser vivo relativamente a uma agressão patogénica indiferenciada (Alves, 2005).

Em qualquer paciente pode existir uma diátese ou combinações entre elas. Hahnemann descreveu três miasmas básicos: a Psora, o Luetismo e a Sicoze (Vithoukas, 1980). Entretanto, através dos trabalhos de Nebel e Vannier (Alves, 2005), surgiram o tuberculínico e o cancerinismo (Sánchez, 2006).

A diátese *psórica* é decorrente das sarnas cutâneas, resultando assim não apenas da sarna, mas também de problemas dermatológicos como: eczemas, dermatoses, dermatites, micoses, etc. Evolui para inflamações cutâneas, metástases e esgotamento reaccional (Alves, 2005).

A diátese *sicótica* resulta da gonorreia, englobando tumores benignos. A sua evolução reflecte-se em quadros de inflamação, exsudação e neoformação (Alves, 2005).

A diátese *luética* tem a sua base na sífilis, reflectindo a evolução de uma doença pelo chamado “cancro-duro”. Evolui para inflamação, ulceração e esclerose (Alves, 2005).

A diátese *tuberculínica* é proveniente da tuberculose, e tem como órgãos alvos os pulmões. Como tal, o seu agravamento visa a inflamação pulmonar, esclerose pulmonar e esgotamento rápido (Alves, 2005).

A diátese *cancerínica* baseia-se na oncogénese. A sua evolução assenta na inflamação, multiplicação e disseminação (Alves, 2005).

O grau de fraqueza crónica do mecanismo de defesa é directamente relacionado com a intensidade das influências miasmáticas. Saber quais os miasmas envolvidos na avaliação do caso individual, é importante para o prognóstico, pois quanto maior o número de miasmas envolvidos, mais lenta será a resposta ao tratamento (Vithoukas, 1980). A predisposição para a diminuição dos mecanismos de defesa pode ser devida à influência hereditária, doenças infecciosas graves e tratamentos (Vithoukas, 1980).

Durante a expressão da doença crónica, podem existir períodos de crise aguda, que requerem tratamento apropriado (Vithoukas, 1980).

Desde Hahnemann, existiram várias ideologias relativamente à teoria miasmática (Benites, 2008; Vithoukas, 1980), com diferentes formas de compreensão da evolução e dinâmica da doença. Estas diferenças reflectem-se no aparecimento de diversas linhas de actuação dentro da homeopatia (Benites, 2008).

1.2.3.1. Terreno

A noção de terreno engloba componentes que descrevem as diferentes características morfo-fisio-patológicas de um indivíduo (Alves, 2005; Kossak-Romanach, 2003; Perestrelo, 2001).

Esta ideia surge da constatação que em cada doente aparecem de forma repetida doenças que têm entre elas características comuns. Além disso, as doenças que não têm entre elas algum grau de semelhança, provocam no mesmo doente o mesmo tipo de resposta fisiológica. Esta resposta indica a forma individual do organismo em resposta a agentes agressores (Barbara, 2000).

Em resumo, a noção de terreno assenta na dinâmica entre a sensibilidade particular de um indivíduo a um certo tipo de doenças e as possibilidades reaccionais que lhe são próprias face às perturbações (Barbara, 2000).

Existem três famílias de quadros susceptíveis de descrever as diferentes características morfo-fisio-patológicas de um indivíduo: a *constituição*, a *diátese* e o *temperamento* (Kossak-Romanach, 2003; Perestrelo, 2001).

O conceito de constituição do terreno nasceu em 1912 com Leon Vannier, que fundamentou a “Doutrina Homeopática Francesa”. Surge da vontade de aprofundar o conhecimento da individualidade doente (Luna, 2007). Resulta da morfofisiologia hereditária e traduz a disposição reacional com sinais inerentes morfológicos e fisiológicos (Kossak-Romanach, 2003). É deduzida através do relacionamento da observação do esqueleto e do estudo da forma (Perestrelo, 2001) e é constante em cada individualidade animal, contrariamente ao temperamento (Luna, 2007; Kossak-Romanach, 2003; Perestrelo, 2001).

A constituição pode ser Carbónica, Fluórica ou Fosfórica (Luna, 2007; Perestrelo, 2001). Resumidamente, a constituição *Carbónica* engloba aspectos como tendência à obesidade, formas redondas e lentidão dos movimentos. Os segmentos dos membros são curtos e as arcadas dentárias largas. Caracteriza-se também por pouca actividade e introspecção. A constituição *Fosfórica* é o oposto da Carbónica. Caracteriza-se pela magreza, movimentos rápidos, falta de robustez do sistema de ligamentos a nível articular e tendência natural à hipotrofia muscular. As arcadas dentárias são estreitas e os segmentos do corpo são longos. Indivíduos com esta constituição têm frequentemente fases de hiperactividade seguidas de fases de abatimento. A constituição *Fluórica* demonstra tamanho pequeno e assimetria dos segmentos do corpo. É característico desta constituição

a instabilidade, o desequilíbrio e irregularidade. Os tipos Fluóricos são imprevisíveis, caprichosos e mutáveis (Barbara, 2000).

A identificação da constituição permite ao médico homeopata conhecer quais os riscos de saúde a que determinado paciente está exposto, a natureza das doenças que o acometem e a tendência reaccional do seu organismo (Barbara, 2000).

O temperamento é variável (Luna, 2007; Perestrelo, 2001) e abrange as características físicas, fisiológicas, biológicas, psíquicas/comportamentais e dinâmicas da individualidade (Perestrelo, 2001). É uma condição adquirida que evolui no decorrer da idade (Kossak-Romanach, 2003). Classifica-se segundo Hipócrates como: nervoso; bilioso, linfático e sanguíneo (Luna, 2007; Perestrelo, 2001).

O temperamento *Sanguíneo* é activo, rápido e fervoroso. Os gestos são rápidos e precipitados. O temperamento *Bilioso* é agitado, hiperactivo e dominante. O temperamento *Nervoso* é reservado, introspectivo e modesto. O temperamento *Linfático* é passivo, vulnerável e adaptável (Barbara, 2000).

A diátese (miasma), como já referido na secção anterior, *Doenças crónicas*, é uma predisposição individual latente, adquirida ou hereditária, que limita a reacção de um organismo e o vulnerabiliza a um determinado número de doenças (Perestrelo, 2001).

Assim, o médico homeopata deve conhecer o paciente quanto aos sintomas mentais, psíquicos, gerais e locais, modalidades reacionais, sensações, sintomas concomitantes e alternantes e os sintomas raros, peculiares e característicos, cujo conjunto revele a constituição, o temperamento e a diátese, ou seja a reacção vital da individualidade (Weir, 2011; Luna, 2007).

1.2.4. Princípios Clássicos da homeopatia

“*Similia similibus curentur*” – Lei da similitude

O tratamento homeopático deverá estimular o sistema imunitário do organismo do paciente, de forma a completar o processo curativo (Chappell, 1997). O objectivo é que o medicamento homeopático prescrito produza sintomas semelhantes aos da doença, e tenha energia superior a esta. Desta forma, ajuda o organismo a despertar a sua energia vital contra o medicamento, que terminará por restabelecer a sua saúde (Luna, 2007). Assim, o

medicamento homeopático adequado que trata determinado animal doente, quando administrado a um animal saudável, provocará os mesmos sintomas (Demers, 2007).

“§ 27. Portanto, o potencial curativo das substâncias medicinais depende do facto de sua acção produzir sintomas semelhantes aos da doença e ser superior em força. Desta forma, cada caso individual de doença só é destruído e curado da forma mais segura, radical, rápida e permanente com o medicamento capaz de produzir, de forma mais semelhante e completa, a totalidade dos sintomas daquela doença e que ao mesmo tempo seja um estímulo de categoria mais forte do que o que provoca a doença” (Hahnemann, 1810, § 27).

“Administrando um medicamento com energia similar à energia do animal doente, cria-se um balanço no campo energético, de forma que os sintomas não precisam mais de ser produzidos, resultando em saúde.” (Chambreau, 2005a).

É de extrema importância que o médico homeopata investigue a totalidade de sintomas do paciente, tanto no momento presente na consulta como as anteriores a esta, bem como sintomas de doenças passadas, traçando a história biográfica do paciente, conhecendo assim a individualidade animal e suas particularidades (Sánchez, 2006).

Vitalismo

Segundo a filosofia vitalista, a força ou princípio vital resulta da união de energias físicas (eléctricas, electromagnéticas, atómicas e químicas) com outras formas mais subtis de energia psíquica, espiritual e cósmica, responsável pelo dinamismo funcional e fisiológico dos seres vivos. Esta energia é de ordem material, mas não corpórea, é capaz de mover o corpo material nas suas funções físico-químico-biológicas (Luna, 2007).

A homeopatia enquadra-se nesta filosofia, admitindo a existência desta força energética que mantém o equilíbrio das funções do organismo, a homeostase. Qualquer energia física, química, biológica, psíquica e miasmática, pode perturbar o campo energético do corpo. O medicamento homeopático dinamizado actua perturbando a força vital (Luna, 2007).

No Organon, a noção de vitalismo surge em vários parágrafos, como por exemplo nos seguintes:

“§ 9. Durante a condição de saúde, a força imaterial (autocracia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável actividade harmónica, nas suas sensações e funções, de

maneira que o espírito dotado de razão que reside em nós, pode livremente dispôr desse instrumento livre e são para atender aos mais altos fins da nossa existência.” (Hahneman, 1810, § 9).

“§ 10. O organismo material desprovido da força vital, é incapaz de sentir actividade ou auto-conservação. É somente o ser imaterial, animador do organismo material saudável e doente (princípio vital/ força vital), que possibilita a capacidade de sentir e de estimular as suas funções vitais.” (Hahneman, 1810, §10).

Lei da experimentação no ser vivo saudável

Hahnemann estabeleceu regras rigorosas para testar os possíveis medicamentos, procurando determinar o conjunto de sintomas produzidos pela ingestão de determinada substância. Na preparação das substâncias, Hahnemann inicialmente introduzia pequenas doses, mas ao deparar-se com os efeitos secundários, desenvolveu a técnica da *sucussão* (como descrito na secção 1.2.5.1.) para que as substâncias fossem diluídas. Nos ensaios estava presente um grupo de voluntários saudáveis que tomavam as substâncias em diferentes diluições. As alterações de estado de espírito e o surgimento de sensações e sintomas eram detalhadamente registados todos os dias. Posteriormente trabalhou a informação registada até constituir um quadro clínico provocado pela substância experimentada (Lockie, 2001).

Os estudos dos medicamentos homeopáticos são assim realizados em pessoas e animais saudáveis, estudando as perturbações dinâmicas mentais, gerais e locais provocadas pelo medicamento diluído e potencializado, conforme descrição na secção 1.2.5.1., constituindo-se a patogenesia do medicamento. Um dos livros mais usados pelos homeopatas é a Matéria Médica, precisamente onde estão descritas as patogenesias conhecidas (Luna, 2007).

“§ 20. Não somos capazes de descobrir esta força imaterial que se encontra latente na essência íntima dos medicamentos apenas com os esforços da razão. Só pela experiência podemos observar claramente os fenómenos que ela provoca quando age sobre o organismo sadio”. (Hahnemann, 1810, §20).

“§ 108. Portanto, para averiguar os efeitos peculiares dos medicamentos, não há outra maneira possível, nem caminho mais seguro e natural do que administrar os diversos medicamentos, em doses moderadas a pessoas sadias a fim de descobrir o que, graças à

sua influência individual, produzem na saúde física e mental [...] Deve-se investigar que elementos mórbidos os medicamentos são capazes ou tendem a produzir, visto que, como já foi mostrado: “toda a potência curativa dos medicamentos reside unicamente no seu poder de alterar o estado de saúde do homem”. (Hahnemann, 1810, §108).

Lei da infinitesimalidade

Os medicamentos homeopáticos são diluídos a mínimas doses, atenuados e dinamizados, segundo uma farmacotécnica específica (Luna, 2007), seguros para o paciente (Lockie, 2001).

“§ 68. No que diz respeito às curas homeopáticas, a experiência ensina-nos que as doses extraordinariamente pequenas de medicamentos, fundamentais neste método de “tratamento pela semelhança sintomática”, são suficientes para vencer e remover doenças naturais semelhantes [...] Após a destruição da doença natural, certamente, resta alguma doença medicinal no organismo. Mas, devida à extraordinária pequenez da dose ela é tão pequena e passageira que desaparece por si rapidamente [...] A força vital apenas emprega contra este distúrbio artificial da saúde a reação necessária e suficiente para levar o estado actual para o nível habitual de saúde. Isto é, usa apenas o que falta para o restabelecimento completo [...] Para alcançar o perfeito equilíbrio, após a extinção da alteração mórbida, ela necessita apenas de um pequeno esforço.” (Hahnemann, 1810, §68).

Hahnemann tinha conhecimento do elevado grau de toxicidade de algumas substâncias na sua forma concentrada, decidindo diluí-las de modo a eliminar os efeitos tóxicos sem, no entanto, se perderem as propriedades de cura. A potenciação consiste na diluição sequencial da substância acompanhada de uma agitação vigorosa, que aumenta conforme aumentam o número de diluições (Chappell, 1997). Essa agitação intensa, a que Hahnemann chamou de *sucussão*, torna o medicamento homeopático mais eficaz, apesar de muito diluído (Lockie, 2001). A potência de um medicamento está directamente relacionada com o número de diluições e sucussões. Este assunto será aprofundado na secção 1.2.5.1.

Lei do medicamento único

Sempre que possível, o ideal será administrar um medicamento de cada vez, que englobe todo o quadro sintomático individualizado do animal doente (Luna, 2007). Avaliando

posteriormente os resultados e, caso necessário, prescrever novo medicamento (Demers, 2007).

Desta forma, o médico homeopata deve conhecer o paciente, investigando os seus sintomas mentais/ comportamentais, gerais e locais, sensações, sintomas concomitantes e alternantes, e especialmente os sintomas raros e peculiares para determinar a sua constituição e temperamento (Weir, 2011; Luna, 2007).

Neste ponto assenta a noção do medicamento de fundo ou constitucional ou *simillimum*, introduzida por Kent, que visualiza prescrever um medicamento que englobe a constituição geral do paciente reflectindo um quadro sintomatológico o mais completo possível incluindo os aspectos peculiares da personalidade, preferências e processos mentais/comportamentais (Clover, 1993). Dependendo destas peculiaridades, cada individualidade terá o seu modo de reagir perante a doença. Estas peculiaridades definem o que em homeopatia se chama de *modalidade* e *lateralidade*, que constituem uma ferramenta muito útil para encontrar o medicamento *simillimum* (Sánchez, 2006).

A modalidade homeopática determina em que circunstâncias melhora ou agrava o sintoma ou a totalidade sintomática, enquanto que lateralidade homeopática traduz de que lado do corpo se manifesta ou se inicia o sintoma/s do paciente (Sánchez, 2006; Alves, 2005).

Actualmente existem três correntes homeopáticas, o unicismo, o pluralismo e o complexismo, que divergem na forma de prescrição dos medicamentos homeopáticos. Este assunto será desenvolvido na secção 1.3.6.2.

Lei da Cura

Cura significa restituir ao animal a sua anterior condição de equilíbrio vital, a qual não permite o estado de predisposição à doença. A força da doença tem sentido centrípeto, atingindo primeiro o centro vital sensitivo, a afectividade, emotividade, sensações gerais e sensibilidade que, com o desenvolvimento, afecta os órgãos vitais e finalmente conduz à morte. Contrariamente à doença, a força da cura segue um sentido centrífugo (Luna, 2007).

Constantine Hering observou atentamente o desenvolvimento da doença e da cura, espontaneamente ou por acção medicamentosa homeopática, e concluiu que a cura tem a seguinte sequência (Weir, 2011; Demers, 2007):

- ⊗ De cima para baixo.
- ⊗ Do interior para o exterior.

- ⊗ Dos órgãos de maior importância para os de menor.
- ⊗ Na ordem cronológica reversa – os sintomas desaparecem na ordem inversa do seu aparecimento cronológico (Luna, 2007).
- ⊗ Agravação inicial – exacerbação dos sintomas existentes (bom sinal do ponto de vista curativo) (Luna, 2007).

Segundo Hahnemann, a acção dinâmica de um medicamento criava um estímulo da energia vital que encobria a doença, não existindo diferença entre curar-se naturalmente e por via homeopática (Luna, 2007).

Na prática homeopática, é necessário avaliar a cura segundo estes parâmetros, para determinar a resposta ao tratamento. Se o animal doente não responder desta forma, então o medicamento homeopático não é o correcto para aquela individualidade e será necessário reavaliar o caso (Demers, 2007).

1.2.5. Medicamento homeopático

O medicamento homeopático é preparado a partir de substâncias (ver Apêndice II – Tabela 9 *Fontes substanciais e medicamentos homeopáticos*) extraídas da natureza. Vários estudos foram realizados por Hahnemann e por outros estudiosos, sobre o potencial curativo de cada substância chegando actualmente a um largo espectro de medicamentos possíveis de serem usados (Luna, 2007).

Após serem preparados, estes medicamentos são constituídos pela energia molecular da substância animal, vegetal ou mineral diluída a mínimas doses. No decorrer da preparação dos medicamentos, a energia molecular expande-se na solução, e diminui em termos químicos, ou seja, o número de moléculas existentes de cada substância (Demers, 2007).

1.2.5.1. Farmacotécnica

A selecção das substâncias baseia-se no conhecimento da matriz que se pretende diluir, partes a serem utilizadas, época do ano, localização, e condições atmosféricas em que devem ser colhidas (Luna, 2007).

As substâncias inicialmente são maceradas em álcool a 90%, e seguidamente filtradas para extrair o líquido, a “tintura mãe”. Conforme o seu estado natural, as substâncias podem ser preparadas de formas diferentes (Barbara, 2000).

Para as substâncias animais, poderá ser utilizado o animal inteiro no caso da abelha, ou partes do animal no caso de *Moschus* ou o produto do animal no caso do veneno de cobra para o medicamento homeopático *Lachesis* (Barbara, 2000).

Quando são substâncias vegetais poderá usar-se a planta inteira ou uma só parte. Caso seja no nosso clima, colhe-se a planta fresca. Se for originária de um clima exótico, recorre-se à planta seca (Barbara, 2000).

As substâncias químicas ou minerais, caso sejam insolúveis, trituram-se em lactose para se tornarem solúveis (Luna, 2007; Barbara 2000; Hamillton 1999).

Os nósodios são culturas preparadas a partir de culturas de bactérias, vírus, tecido de animal ou secreções patológicas (Luna, 2007).

Coloca-se a substância (soluto) num determinado veículo (solvente), que pode ser: água destilada, álcool ou mistura hidroalcoólica, glicerina, cera e gelatina. A água destilada dissolve a maioria dos princípios activos; o álcool ou mistura hidroalcoólica é a mais usada pois pode ser fornecida ao paciente em mistura hidroalcoólica a 20% ou embebido em grânulos de lactose a 80-90%; a glicerina é usada para extractos organoterápicos ou nosódios e produtos de origem biológica adicionados à água para uso tópico; a cera é utilizada para pomadas e a gelatina para gel de aplicação cutânea (Luna, 2007).

Potenciação

O processo de potenciação engloba *diluição* e consequente *sucussão* ou *dinamização*. A sucussão ou dinamização é a agitação energética em sentido vertical da solução após ser diluída. Este processo permite a libertação da energia dinâmica medicamentosa por meio de vibração molecular (Luna, 2007). Por outras palavras, a dinamização confere a energia da substância de origem ao solvente (Barbara, 2000; Barollo, 2003).

Existem três escalas de diluição: centesimal (C ou CH), decimal (D, DH ou X) e cinquenta milesimal (LM) (Luna, 2007). Diferenciam-se pelo número de vezes que são diluídas. Pela escala centesimal, uma gota da “tintura mãe” é diluída com 99 gotas do solvente e dinamizada (Chambreau, 2005a), obtendo assim um medicamento homeopático de potência 1 CH, ou seja, 100 vezes diluída. Para obter a potência seguinte, 2 CH, é retirada uma gota da solução 1 CH, colocada em 99 gotas de solvente e dinamizada, e assim sucessivamente até obter a potência desejada (Chambreau, 2005a).

O mesmo processo se aplica quando se quer obter potências decimais, em que 1 gota da “tintura mãe” é colocada em nove gotas do solvente e dinamizada, de forma a adquirir um medicamento de potência 1 DH. Repetindo-se o processo para obter posteriores potências (Chambreau, 2005a).

Para obter as potências cinquenta milésimas dilui-se a potência 3 CH em 50 000 gotas de solvente (Chambreau, 2005a).

Quando a solução atinge a força e potência requeridas, juntam-se as gotas a comprimidos, grânulos ou pó de lactose através de processos modernos de difusão que garantem uma impregnação eficaz (Barbara, 2000), devendo guardar-se em frascos de vidro escuro (Lockie, 2001).

O método plus consiste em diluir dois grânulos em 30 ml do solvente (água) e dinamizar, agitando 10 vezes contra a palma da mão (Sánchez, 2006).

O método de Korkasov é um método posto em prática por Siméon Korkasov. Este método consiste em diluições efectuadas num único frasco. Após cada diluição e dinamização, retira-se o conteúdo, e o restante aderido às paredes do frasco é suficiente para uma nova diluição. Desta forma, há uma mistura do solvente com o soluto aderido às paredes, facilitando diluições mais altas (Luna, 2007; Barbara, 2000).

Conclui-se que a potência do homeopático corresponde à diluição e dinamização sequencial. Conforme a potência vai progredindo, a quantidade de moléculas diminui e a energia dinâmica medicamentosa aumenta (Hamilton, 1999).

1.2.5.2. Mecanismo de Acção

Na época de Hahnemann, os seus estudos e as suas experimentações provaram a eficácia terapêutica na prática. A explicação fornecida por Hahnemann na envolvência deste efeito é através da noção de energia vital presente em todas as substâncias e em todos os indivíduos.

É de referir que nem Hipócrates, o originário da premissa da homeopatia, nem Hahnemann, que a desenvolveu, nas suas épocas teriam as ferramentas actualmente disponíveis para cientificamente fundamentar as suas afirmações.

A energia cinética, que é a energia em movimento em que ocorre vibração molecular (Luna, 2007), fornecida aos medicamentos homeopáticos durante a sucussão, amplifica o seu campo electromagnético. De forma a entender melhor, define-se frequência como o número de ciclos de uma onda, ou qualquer oscilação ou vibração por segundo, e ressonância como uma oscilação de um sistema para a sua frequência natural de vibração que pode ocorrer em átomos e moléculas, em sistemas mecânicos e em circuitos eléctricos (Isaacs, 1996).

Vários avanços em pesquisas científicas foram realizadas sobre energia, ajudando a compreender a acção dos medicamentos homeopáticos, e sobretudo elucidando sobre as diluições a partir dos 10 – 12 CH, soluções não moleculares segundo a Lei de Avogadro. O número de Avogadro define-se como o número de moléculas existentes numa substância e é igual a $6,0221415 \times 10^{23}$ (Reger, Goode & Mercer, 1997).

a) Física Quântica

A área que melhor elucida sobre homeopatia e energia, é a física quântica ou física das partículas. Este universo das partículas ínfimas tem um avanço considerável com Max Planck e Albert Einstein (Barbara, 2000).

Albert Einstein é o autor da célebre equação $E=mc^2$, representativa da relação íntima entre a matéria (toda a substância que tem massa e ocupa espaço, sendo constituída por átomos) e a energia (Barbara, 2000; Fernandes, 1986). Demonstrando que existe uma relação directa entre energia e matéria (Barbara, 2000; Fernandes, 1986).

Antes de Einstein, desde a época grega, pensava-se que a matéria era constituída por átomos. Entretanto descobriu-se que um átomo era composto por um núcleo rodeado de electrões, e que nesse núcleo existiam protões e neutrões. Todas estas descobertas são de extrema importância, para se poder ir mais longe, até à descoberta de Max Planck, que trouxe a noção da existência de partículas ainda mais pequenas que ligam os electrões aos núcleos dos átomos, os *quantum* ou fotões, ou seja, partículas elementares mediadoras da força electromagnética, que compõem a radiação electromagnética. Comportam-se como partículas e, noutras circunstâncias, como ondas. Segundo as leis da física contemporâneas: a energia da matéria é emitida através de conjuntos de fotões; a natureza da matéria é incontestavelmente formada por partículas e por ondas; a cada partícula está

associada uma onda – mecanismo ondulatório, e as partículas são susceptíveis de transmitir uma informação (Barbara, 2000).

Na física quântica, matéria e campo electromagnético são vistos como campos quânticos constituídos por *quantum* ou fótons (Barbara, 2000).

O medicamento homeopático, de acordo com os factos científicos acima descritos, considera-se ser de natureza electromagnética ondulatória, a qual, durante as dinamizações efectuadas na sua preparação, é libertada da substância (soluto) para o solvente, continuando presente quando deixa de existir estrutura molecular do soluto no solvente. A semelhança entre a informação ondulatória ou energética do medicamento homeopático e a natureza energética do doente, provoca uma interferência como a que se observa quando dois fenómenos ondulatórios se relacionam (Barbara, 2000).

Segundo medições em mais de 1000 culturas de *Echerichia coli*, que cresceram em diferentes campos electromagnéticos, foram detectados diferentes tempos de variação durante a geração, que correspondem a diferentes quantidades de fluxo de fótons que influenciam a divisão celular das bactérias. Neste estudo, o teste F- ratio, para detectar se as variações em duas amostras são iguais, demonstrava a probabilidade de menos de 1 em 2 milhões da aleatoriedade dos resultados (Smith, 2004).

Outro estudo sobre preparações dinamizadas em culturas celulares, mostrou que elevadas diluições dos medicamentos homeopáticos utilizados na experimentação, 30CH e 200CH, exerceram actividade citotóxica nas culturas celulares usadas (Sunila et al., 2009).

b) Hormesis ou lei de Arndt-Schultz e Regulação Cibernética

Nas várias pesquisas realizadas pela Professora de Imunologia Madeleine Bastide, são demonstrados os efeitos biológicos dos medicamentos homeopáticos a elevadas diluições, elucidando o conceito de hormesis ou lei de Arndt-Schultz e regulação cibernética como base do mecanismo homeopático (Bonamin, 2007).

Os biólogos Arndt e Schultz, demonstraram que a resposta de um estímulo na célula viva é inversamente proporcional à sua intensidade ou quantidade e que os estímulos fracos aceleram ligeiramente a actividade vital, estímulos moderados suspendem-na e os estímulos fortes detêm-na, dando bases à lei de Arndt-Schultz. (Bonamin, 2007).

Hormesis é o termo recente, proposto por Southam & Erhlich (1943) e Stebbeling (1982), para descrever o efeito estimulador de concentrações sub-inibitórias de qualquer

substância tóxica num organismo. O termo deriva do grego e significa 'excitação por um impulso' (Khuda-Bukhsh, 2003). É considerado um fenómeno que demonstra a reversão da acção tóxica de uma substância que se torna um estímulo em concentrações baixas (Bonamin, 2007).

A regulação cibernética funciona como uma rede informativa em que são necessários sinais moleculares para o processamento da resposta biológica, de forma a manter a homeostasia. Por outras palavras, a regulação de um sistema biológico envolve mais uma noção de “informação” do que propriamente quantidades moleculares. Abre-se a hipótese da existência de outros mecanismos que envolvam essa “informação” (Bonamin, 2007).

c) A teoria dos significados corporais e o conceito de biossemiótica

A “teoria dos significados corporais”, estabelecida por Madeleine Bastide e Agnès Lagache nos anos 90, assenta na ideia de troca de informação ou comunicação entre os sistemas vivos em diferentes níveis, desde o molecular ao cognitivo. Englobam a noção de similitude, característica da homeopatia, nomeando o “sintoma” como chave, por representar uma expressão corporal (Bonamin, 2009).

Estas autoras trabalharam uma base racional que fosse fundamentada através de dados experimentais e que respeitasse os princípios da homeopatia (Bonamin, 2007).

Os resultados dos estudos sobre ultradiluições, realizados por Bastide e Lagache, permitem visionar que a modulação dos processos biológicos por preparação homeopática se realizam em diferentes níveis de comunicação (Bonamin, 2009).

O primeiro nível de comunicação dos sistemas biológicos estabelece-se entre moléculas e receptores das células. O segundo nível de comunicação molecular é realizado através da regulação cibernética em que as interações entre as moléculas ocorrem em rede, mantendo a auto-regulação do sistema. A este nível, surgem as seguintes questões: o que pode determinar os diferentes padrões de combinação entre os elementos bioquímicos de um determinado processo biológico e se seria possível mudá-los sem necessariamente alterar a bioquímica dos seus elementos (Bonamin, 2007).

As autoras Bastide e Lagache referem que a resposta se encontra na informação não molecular. Sugerindo assim um terceiro e quarto níveis de comunicação biológica, respectivamente, o princípio da identidade ou isopatia (método terapêutico que utiliza a substância que aparentemente é a causa desencadeante da doença) e a similitude, ambos

num sentido informacional e não molecular. Entende-se por informação a representação de um objecto e não o objecto em si, e apenas entendida por um receptor suficientemente sensível a essa informação (Bonamin, 2007; Luna, 2007).

Estes níveis de comunicação e a relação com a homeopatia são relevantes. A homeopatia implica condições prévias no individuo para que se manifeste o efeito do medicamento, ou seja, existe uma dependência do sistema vivo para haver efeito ou não do medicamento. O que se opõe à toxicologia clássica, na qual os efeitos tóxicos estão directamente relacionados com a natureza da molécula e das suas interacções com as membranas fisiológicas (Bonamin, 2007).

Estas autoras deixam um campo aberto a novas pesquisas experimentais para uma explicação racional precisa sobre o conceito de informação não molecular (Bonamin, 2007).

A “teoria dos significados corporais” propõe um terceiro nível de comunicação não bioquímico que tem sido estudado através da biossemiótica, uma ciência contemporânea multidisciplinar, que estuda os fenómenos de comunicação em sistemas vivos, no sentido de os caracterizar segundo a interconectividade dos seus múltiplos sinais, e não apenas pelos seus componentes. Os organismos vivos trocam informações com o meio, moleculares ou não, as quais têm influência na organização geral do organismo, caso façam sentido para o mesmo, mantendo coerência com a noção de globalidade da homeopatia (Bonamin, 2007).

Esta ciência tem sido aplicada na compreensão de mecanismos vivos complexos, que aparentemente se consideram incoerentes, podendo assim fornecer uma base explicativa racional para a interpretação dos resultados experimentais das pesquisas do mecanismo homeopático (Bonamin, 2007).

d) Transferência da frequência energética farmacológica e memória da água

As informações provenientes de estudos sobre a transferência da frequência energética farmacológica (TFF) e a memória da água, acrescentam também algo à compreensão do mecanismo do medicamento homeopático.

A TFF como o próprio nome indica, refere-se à transferência da actividade terapêutica através de campos magnéticos. O efeito específico da substância observa-se após ser transferido. Abre-se assim, um novo horizonte dentro da farmacologia moderna, que poderá ser capaz de fornecer explicações relativamente à acção de solventes que, sob determinadas condições, alteram a actividade sobre os receptores celulares (Bonamin, 2007).

É conveniente complementar com as pesquisas de Masaru Emoto e Shui- Yin Lo.

Na década de 90, Masaru Emoto desenvolveu o fenómeno HADO. Esta palavra é composta por dois ideogramas “onda” e “movimento” ou seja, o padrão de vibração intrínseco do nível atómico da matéria. Demonstrou que os pensamentos e sentimentos afectam a realidade física, em particular na água cristalizada. Este autor, captou a expressividade da água congelada ao microscópio electrónico, concluindo que a substância se altera consoante a vibração (Barollo, 2003).

Em 1997, Shui-Yin Lo e seus colaboradores californianos, descobriram a formação de *clusters* de água ao estudar o comportamento molecular da água. Os *clusters* foram encontrados em soluções onde foram diluídas substâncias além do número de avogadro e posteriormente agitadas. Detectaram o aumento de clusters a cada diluição efectuada, com a formação de um campo electromagnético (Barollo, 2003).

e) Nanotecnologia

Recentemente, um estudo desenvolvido no Instituto de Tecnologia na Índia, demonstrou, através da Microscopia Electrónica de Transmissão (TEM), Difracção de electrões de área seleccionada (SAED) e análise química através de Espectrometria de Emissão Atómica por Plasma Acoplado Indutivamente (ICP-AES), a presença de nanopartículas de matéria, nas diluições 30CH e 200CH (Chikramane et al., 2010). Através destas tecnologias foi possível detectar a retenção de partículas em diluições elevadas que ultrapassam o número de Avogadro, em amostras de medicamentos homeopáticos derivados de diversos metais. As conclusões retiradas deste estudo poderão, definitivamente ser úteis à percepção da comunidade científica relativamente ao tratamento homeopático.

A subjectividade, a grande dependência dos sistemas vivos e a não linearidade dos resultados, tornam complicado comprovar a eficácia da homeopatia dentro da estrutura da ciência clássica. Apesar de todas as pesquisas efectuadas, existe uma vasta amostra de medicamentos, e uma ligação específica entre o medicamento e a individualidade, que enviesa a linearidade dos resultados. Propõe-se uma nova organização e interpretação dos estudos experimentais, incidindo numa nova linha de raciocínio diferente da farmacologia tradicional, na implementação de modelos matemáticos suficientemente abrangentes para a

diversidade dos resultados possíveis (Bonamin, 2009), bem como um espírito científico sensível capaz de compreender estas necessidades inerentes à homeopatia (Stumpf, 1997).

1.2.5.3. Legislação

No âmbito legislativo, os medicamentos homeopáticos estão mencionados no Decreto-Lei *n.º* 128/2008, DL *n.º* 314/2009, DL *n.º* 256-2009 e Despacho *n.º* 133-2012.

O DL *n.º* 148/2008 de 29 de Julho estabelece o regime jurídico da autorização da introdução no mercado dos medicamentos homeopáticos veterinários e as condições de comercialização. Está incorporado no DL *n.º* 314/2009 de 28 de Outubro, que estabelece o registo dos medicamentos veterinários quanto à terminologia, controlo das matérias-primas, testes de controlo do produto acabado e ensaios de estabilidade. Estabelece também a autorização da aplicação dos medicamentos homeopáticos aos animais produtores de géneros alimentícios.

Segundo o DL *n.º* 834/2007 de 20 de Junho, a prevenção e tratamento de doenças nos sistemas de produção pecuária biológica apenas autoriza tratamentos alopáticos de síntese química, quando a utilização de produtos fitoterapêuticos, homeopáticos e outros não seja adequada.

1.2.6. Semiologia homeopática

A consulta homeopática envolve extrema dedicação do clínico homeopata, através da anamnese pormenorizada de todo o historial pregresso e presente do animal (Stumpf, 1997).

O objectivo de qualquer tratamento homeopático estabelece um impulso estimulador das debilitadas forças naturais do doente, para que recupere *per si*. Para tal, é necessário estabelecer uma abordagem individualizada (Weir, 2011; Stumpf, 1997).

“§ 5. O médico deve dar assistência a partir do conhecimento dos factos relativos à causa mais provável que desencadeia a doença aguda, assim como os pontos mais significativos de toda a história no caso de doença crónica, para assim estar habilitado a descobrir a sua causa fundamental, que em regra é devido quase sempre um miasma crónico. Em conexão com isto, a constituição física do paciente (particularmente no caso de doença crónica), as características da sua mente e temperamento, a sua ocupação, o seu

modo de vida e hábitos, relação social e doméstica, a idade, etc., devem ser consideradas.” (Hahnemann, 1810, § 5).

A semiologia homeopática veterinária atenta na simetria, postura, olhar, marcha, atitude, aspecto do pêlo, apetite, eliminação, respiração e qualquer manifestação visível. Cada animal individualiza-se pelas suas susceptibilidades, comportamento e preferências, distinguindo-se assim de outros animais da mesma espécie (Kossak-Romanach, 2003).

Por conseguinte, a abordagem inicial deve reflectir a totalidade sintomática que traduza a reactividade do paciente. O clínico deve estar ausente de preconceitos, escutar sem interromper, anotar textualmente a linguagem usada pelo proprietário e observar a postura do paciente (Luna, 2007). A observação do comportamento fornece pistas para encontrar o medicamento homeopático *simillimum* e facilita a caracterização da forma como aquele animal em particular se comporta face à doença. Anotar pormenores é fundamental para um bom retrato do paciente (Hamilton, 1999).

A anamnese homeopática numa primeira fase deve incluir os dados do paciente, o motivo da consulta e relato da história individual (Sánchez, 2006).

Relativamente aos sintomas, o clínico deve averiguar as circunstâncias/horários do aparecimento, exacerbação e melhoria, alternância, sintomas concomitantes, sintomas característicos e periodicidade. Registar doenças e tratamentos anteriores (Sánchez, 2006).

Deve pesquisar a forma como a condição climática afecta o animal, a sede, o sono, a alimentação, as sensibilidades, o banho, a transpiração, o ciclo reprodutivo, a postura mais comum, a forma como as estações do ano o afectam, sintomas que permaneceram após doença e a forma como dorme (Sánchez, 2006).

Relativamente ao comportamento, levantar dados sobre a socialização, a forma como reage o animal quando em casa ou no exterior, com a família, crianças, estranhos e outros animais; agressividade; apego ao dono e dominância *versus* submissão. Procurar também informação sobre o funcionamento da memória e inteligência. Investigar os campos da afectividade, adaptação e higiene. Saber o que agrada, o que detesta, o que assusta, ou seja, interesses próprios (Sánchez, 2006). Durante o interrogatório investigar, se possível, antecedentes hereditários, patológicos, cirúrgicos, psíquicos e vacinações (Luna, 2007).

É importante o levantamento de três tipos de sintomas: mentais/comportamentais que são manifestações de distúrbios psíquicos; gerais que representam o organismo como

um todo, tais como cansaço, sono, apetite, etc.; e locais que acometem apenas um órgão ou aparelho, sem efeitos colaterais tais como inflamação, dor, tumor (Luna, 2007).

Procede-se à inspecção ou exame clínico, em que se avalia os sinais vitais e o aspecto geral e dos aspectos referidos no interrogatório (Alves, 2005). Seguidamente procede-se a exames laboratoriais adequados à pesquisa de determinada doença (Luna, 2007; Alves, 2005).

O tratamento bem sucedido depende de alguns parâmetros como: o conhecimento da doença, a qual representa a totalidade sintomática, pregressa e presente, dando a noção do desequilíbrio subjacente que precisa de ser corrigido; conhecimento dos medicamentos homeopáticos; habilidade para escolher o medicamento certo, na potência e frequência correctas para determinada individualidade animal; conhecimento dos possíveis resultados decorrentes do tratamento e conhecimento dos obstáculos de recuperação (Chambreau, 2005a).

A cura acontece quando os sintomas correntes desaparecem, na direcção da lei de cura de Hering, de forma definitiva. O animal apresenta-se activo, desperto e atento, com a força vital equilibrada. (Chambreau, 2005b).

O clínico homeopata precisa de ter noção da possível ocorrência de agravação inicial. Os sintomas locais podem piorar, temporariamente, antes da cura propriamente dita, melhor dizendo, essa agravação é curativa. No entanto, ocorrendo agravação inicial, o animal deve melhorar mentalmente, esta deve ser momentânea e preceder a melhora física (Hamilton, 1999).

Pode acontecer que o paciente não melhore nem agrave. As razões subjacentes poderão ser: esquecimento das tomas; má repertorização; causa etiológica da doença; narração dos sintomas inexacta; barreiras medicamentosas anteriores que impedem acção do medicamento homeopático; abuso de medicamentos alopáticos; má preparação do medicamento homeopático; erros na administração; dinamização inapropriada (Alves, 2005). Segundo Don Hamilton, alguns factores adversos à cura também poderão ser: toxinas, vacinação, estilo de vida (Hamilton, 1999), e ainda nutrição (Chambreau, 2005a; Hamilton, 1999).

A repetição da dose depende da resposta do corpo face à doença, que poderá variar de animal para animal, e com a intensidade da doença. Deve ajustar-se a potência conforme seja doença aguda, doença crónica ou agudização da doença crónica. Assim que apareçam sinais de cura, reduzir as administrações até parar de tomar o medicamento (Hamilton, 1999).

A evolução do doente deve ser monitorizada através do registo de todas as notas dos medicamentos usados, e a resposta decorrente detalhada, anotando todos os sintomas. É importante registar o comportamento e atitude do animal, juntamente com o progresso dos sintomas físicos. Saber esperar é determinante para um tratamento homeopático, o que deve ser logo transmitido ao dono na primeira consulta. Ter esta noção ajuda a não criar ansiedade, e evita mudar de medicamento precipitadamente. Relembrar que o indicador mais fiável de boa recuperação é o comportamento (Hamilton, 1999).

1.2.6.1. Prescrição do Medicamento Homeopático

Primeiramente é de sublinhar que a prescrição do medicamento homeopático engloba a individualidade animal para além da doença actual. O tratamento dirige-se à cura do animal como um todo, ou seja, não individualiza apenas doença, vê a doença como uma parte integral desse animal (Hamilton, 1999).

A escolha do medicamento homeopático baseia-se na investigação do quadro sintomatológico completo e detalhado da doença no momento, das doenças passadas, o seu comportamento e reações próprias, construindo assim a história biográfica do animal. Todo este quadro individual convém ser englobado no medicamento constitucional ou *simillimum* ou medicamento de fundo, compatível com o princípio dos semelhantes. Este medicamento deve ter elevada afinidade com animal, tratando simultaneamente as várias doenças que o acometem, sendo bastante eficaz quando se tratam de doenças crónicas (Strumpf, 1990).

Existem duas totalidades a considerar para a correcta prescrição: a que expressa o quadro de reactividade do doente como unidade psico-funcional, e a totalidade patogenética do medicamento homeopático, que permita correlação similar. Isto é, identificar a totalidade característica medicamentosa, homóloga à totalidade característica do doente (Kossak-Romanach, 2003).

Para tal, é necessário observar as mais subtis manifestações dos fenómenos patológicos, de forma a ser possível estabelecer as relações existentes com as condições psíquicas, sociais e climáticas da doença (Strumpf, 1990).

O medicamento *simillimum* deve envolver as semelhanças quantitativas e qualitativas entre o medicamento e os sintomas do paciente. Os sintomas mais comuns como é o caso da anorexia, febre e fraqueza são relevantes e devem ser englobados, no entanto devem ser mais valorizados os sintomas peculiares e a forma como se manifestam particularmente em cada individualidade animal (Luna, 2007). É necessária uma grande compreensão sobre as doenças e seus sintomas, para assim haver maior precisão na diferenciação dos correspondentes à doença e os particulares da individualidade animal em questão (Hamilton, 1999). Estes sintomas particulares de cada animal são denominados *sintomas característicos*, exactamente por caracterizarem a doença naquele animal (Hamilton, 1999).

Após alcançar a totalidade dos sintomas globais e característicos do paciente, e colocá-los por ordem de prioridade, determina-se o medicamento adequado, pesquisando no repertório os medicamentos que melhor englobam todos os sintomas e seguidamente lendo a descrição dos medicamentos seleccionados na matéria médica veterinária (Luna, 2007; Hamilton 1999).

O Repertório é um dicionário de sintomas organizados por ordem alfabética, que surgiu de forma a facilitar a pesquisa do medicamento devido a existirem inúmeros medicamentos na Matéria Médica (ver Anexo 2 – Figura 12 *Exemplo do repertório de Kent*) (Luna, 2007). O mais completo e organizado é o repertório de James Tyler Kent (Luna, 2007). A Matéria Médica é um livro que descreve os medicamentos homeopáticos e o seu uso (Hamilton, 1999).

Quando escolhido o medicamento apropriado, segue-se a escolha da potência, que pode variar consoante o animal, a doença ou estágio em questão e resposta ao tratamento, ou seja, não há uma regra linear (Chambreau, 2005b; Hamilton, 1999). Seguem-se algumas noções que são bastante unânimes. As potências altas (acima de 200CH), correspondentes a diluições maiores, são adequadas para doenças crónicas e problemas de foro comportamental, e administradas uma vez por semana conforme o clínico discernir consoante a doença em causa. As potências baixas (até 6CH) frequentemente são usadas e mais indicadas para doenças agudas, orgânicas e lesionais, administrando-se várias vezes

ao dia. As potências médias (12CH-30CH) são utilizadas em estágios ou doenças não muito graves e funcionais, administram-se uma a duas vezes por dia (Luna, 2007).

As potências LM são tão profundas como as CH, mas menos intensas, pelo que evitam o agravamento de cura. Actuam a nível mental/comportamental mais rapidamente. Através do método plus, podem administrar-se várias vezes ao dia, durante meses (Sánchez, 2006).

Num quadro agudo, é necessário adequar o medicamento ideal, baseado na totalidade dos sintomas agudos. No entanto, é essencial haver uma diferenciação dos quadros e das causas, distinguindo se o quadro agudo que está perante o homeopata é uma doença aguda ou uma exacerbação da doença crónica – agudização crónica. Esta distinção é de extrema importância para a eficácia da escolha do medicamento homeopático (Dinis, 2006).

É aconselhável manter o medicamento homeopático em zonas escuras, distantes de radiações electromagnéticas tais como televisões, telemóveis, rádios e microondas pois podem inactivar ou alterar o conteúdo energético (Luna, 2007; Chambreau, 2005b).

1.2.6.2. Homeopatia Unicista, Pluralista e Complexista

O método de prescrição segundo Hahnemann, consistia em prescrever um medicamento homeopático, de cada vez, numa só administração. Entretanto, durante o desenvolvimento da homeopatia iniciou-se uma certa divergência de opiniões sobre a prescrição da terapêutica (Luna, 2007).

Actualmente existem três correntes na Homeopatia: Unicismo ou Kentismo; Pluralismo e Complexismo (Luna, 2007; Alves, 2005).

O Unicismo ou Kentismo utiliza um único medicamento homeopático, o constitucional ou *simillimum*, que abrange todo o quadro sintomático. É administrado numa dose apenas, com potência alta (Luna, 2007, Alves, 2005; Kossak-Romanach, 2003).

O Pluralismo prescreve vários medicamentos homeopáticos conforme a sintomatologia do doente, não excluindo o medicamento único, através de administrações alternadas. Assim, é fornecido o medicamento único, agregando outros medicamentos episódicos ou drenadores. Os medicamentos drenadores são fármacos que proporcionam a

expulsão contínua de líquido de uma ferida ou de uma cavidade, havendo múltiplas modalidades em função das circunstâncias patológicas (Kossak-Romanach, 2003).

Deve-se definir para cada caso clínico: o temperamento (características individuais), a constituição (carbônica, fosfórica, fluórica) e a diátese (Luetismo, Sícase, Psora, Tuberculinismo, Cancerinismo) (Luna, 2007; Alves, 2005).

O Complexismo associa medicamentos homeopáticos, podendo administrar dois ou mais simultaneamente. Cada medicamento contém várias substâncias homeopatizadas, com afinidades focais relativamente a uma determinada doença (Luna, 2007; Lobão 1996).

Na prática contínua, caso a caso, deve usar-se discernimento, intuição, conhecimento aprofundado sobre os medicamentos e do quadro sintomático do paciente, para melhor adaptação da forma terapêutica, evitando erros e atrasos na cura, por praticar apenas uma linha rígida de corrente homeopática (Alves, 2005).

1.3. A importância da Etologia

Como já referido, o aspecto mental, que nos animais se revela através do comportamento, é de extrema importância para determinar o perfil do animal em consulta em conjunto com todos os aspectos referentes à doença.

O sistema límbico é o responsável pela emoção (Kossak-Romanach, 2003). Para além de medo, raiva e amor, centraliza o comportamento de sobrevivência inata como protecção, agressividade, maternal e reacções sexuais (Kossak-Romanach, 2003).

Aquando da activação por estímulos externos, conhecidos ou não, modifica o comportamento animal, como reacção à adaptação biológica ao stress decorrente de alguma perturbação repentina e profunda na vida do animal. Assim, emoções repetidas, induzem distúrbios de função e lesões, sendo necessário equilibrar o aspecto emocional (Kossak-Romanach, 2003).

Portanto, se o animal não revela sintoma mental propriamente dito, a emotividade nele está presente e ajuda na identificação medicamentosa homeopática (Kossak-Romanach, 2003).

É através do comportamento demonstrado pelo animal, ou deduzido através do que é dito pelo proprietário, que se percepcionam as manifestações subjectivas. Desta forma, instala-se o uso da sinalética, ou seja, registro de sinais e marcas externas que permitam reconhecer a individualidade (Kossak-Romanach, 2003).

1.4. Exemplo de um caso clínico

A Clarinha é um felídeo com cerca de 5 anos. Foi abandonada num hotel do distrito de Coimbra, junto com outras duas gatinhas da mesma ninhada. Quando deram entrada no hotel as três foram vacinadas para panleucopenia, calicivírus, herpesvírus e leucemia felina, e testadas aos vírus da leucemia felina (FeLV) e imunodeficiência felina (FIV), aos quais eram negativas. No gatil do hotel onde a Clarinha foi colocada, os animais não se contactam pois têm quartos com paredes e portas de vidro, não permitindo a mistura de gatos de diferentes donos.



Figura 1 Gata Clarinha (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)

Entretanto foi adoptada pelos proprietários do hotel devido às manifestações da doença.

De Janeiro 2009 a Fevereiro 2011 a Clarinha efectuou várias terapêuticas do âmbito convencional, sendo complicado obter resolução clínica dos sintomas.

Em Janeiro de 2009, a Clarinha começou a desenvolver inaptência, anorexia e sialorreia. Foi apresentada ao Médico Veterinário que rapidamente identificou o quadro clínico como sendo uma Gengivo-Estomatite, provavelmente de foro imunomediado.

Inicia o tratamento com Enrofloxacina (15 mg via oral de doze em doze horas) e Prednisola injectável, seguida de oral respeitando a dose de 4 mg cada 48 horas.

Como não se detectaram melhorias, cerca de um mês e meio depois inicia Ciclosporina 25mg Bid, a qual foi descontinuada devido ao agravamento dos sintomas. Nesta altura reinicia a Enrofloxacina na mesma dose.

Após 10 dias, em Abril, é internada por apresentar desidratação, inaptência e prostração. Depois de 4 dias tem alta, com Prednisolona 4mg Sid *per os*, Prozyme® e Bucagel®. A dificuldade de administração do Bucagel® por parte do proprietário impossibilitou este tratamento.

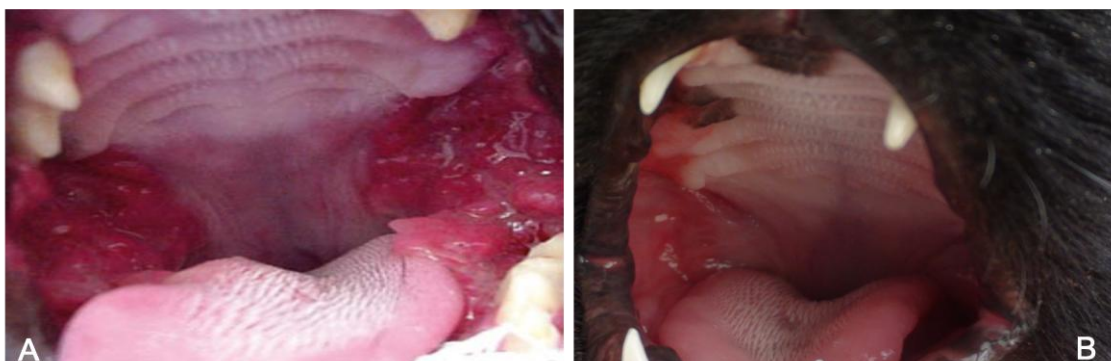


Figura 2 Fase aguda da doença – mucosa oral (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)

A Clarinha efectuou destartarização em Junho de 2009 com a respectiva antibioterapia e corticoterapia na mesma dose.

Entretanto, opta-se pela extracção dentária em Outubro, devido a não se verificarem progressos e pelo facto de ter surgido um novo sintoma, alopecia simétrica dos flancos. Foram extraídos os dentes pré-molares e molares, superiores e inferiores, do lado esquerdo da cavidade oral. Tem alta com Amoxicilina-Ácido clavulânico, 50 mg PO Bid, Tramadol (20 mg PO Sid), e alimentação forçada com dieta a/d da Hill's.

O desmame dos córticos é novamente tentado para metade da dose, mas a Clarinha desenvolve sialorreia intensa e inaptência, pelo que retoma a dose inicial.

Em Dezembro 2009, a mucosa oral continua hiperémica e a zona de extracção dentária por cicatrizar, pelo que se reinicia antibioterapia, desta vez com Cefadroxil (40 mg PO Bid).

Não se obtendo evolução, em Janeiro de 2010 realiza-se radiografia intra-oral, onde se visualizam algumas raízes dos dentes previamente extraídos. Assim procede-se a nova cirurgia para extrair as raízes e os restantes dentes pré-molares e molares do lado direito da cavidade oral. Nesta altura fez-se pesquisa de Calicivírus através da técnica Reacção de polimerase em cadeia (PCR), cujo resultado foi positivo.

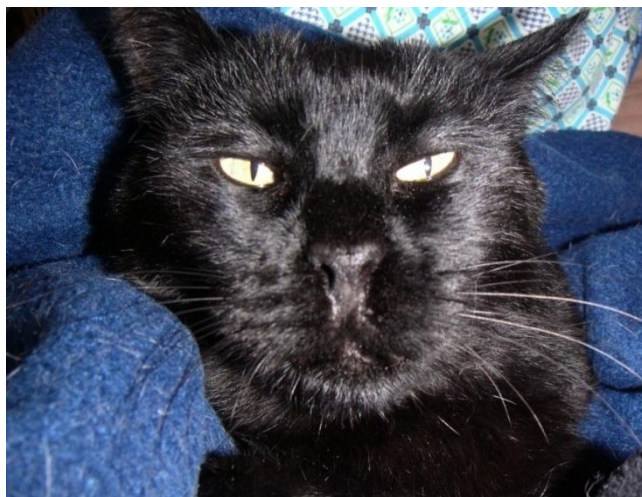


Figura 3 Corrimento nasal – Infecção por Calicivírus (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)

Procede-se ao desmame e suspensão da corticoterapia, iniciando Meloxicam (0,4 mg/kg Sid). Na ausência de progressos inicia o Virbagen® (Interferão Omega Recombinante de origem felina), num período de dois meses, que apenas demonstra eficácia quando associado a AINES.

Em Junho de 2010, suspende esta medicação e reinicia a Ciclosporina a 25 mg, *per os*, conseguindo-se resultados mais satisfatórios em Setembro, altura a partir da qual a Clarinha demonstrou mais autonomia e apetite, o que não acontecia desde a descontinuação da corticoterapia. Ainda estava presente algum grau de inflamação nas gengivas, na faringe e na laringe. Alternadamente, apresentava obstrução nasal, inaptência e espirros. Por vezes arrancava o pêlo dos membros, na zona do períneo, cauda e zona lombar dorsal.

De quatro em quatro semanas procedia-se a análises de controlo da Clarinha, através da realização de um hemograma e do doseamento sérico de Ciclosporina.

No sentido de melhorar a qualidade de vida, em Outubro reduz-se a dose de Ciclosporina 25 mg para 10 mg, cada 24 horas.

Em dezembro 2010, não obstante não haver grandes melhorias, começa a desenvolver crises de hipotermia, que clinicamente não foram justificadas, e baixa-se a dose da ciclosporina para 10 mg dia de 48 em 48 horas por uma questão de precaução.

Face às tentativas ineficazes de resolução efectiva da doença e da fraca resposta da Clarinha, a proprietária decidiu procurar soluções alternativas às opções terapêuticas até então sugeridas. Nessa busca decidiu optar pelo tratamento homeopático, recorrendo a um Médico Veterinário com experiência da área em Fevereiro de 2011.

A prescrição fornecida foi: Mercurius solubilis 9 CH, três grânulos, quatro vezes por dia e Histaminocel-S (Suplemento alimentar. Composição: *Sabadilla off.*; *Allium cepa*; *Pulsatilla vulgaris*), três grânulos, quatro vezes por dia e mais tarde Dulcamara 9CH, quatro vezes por dia, Sílicea 15CH, três grânulos, três vezes por dia, aos sábados e Influmed® (Suplemento Alimentar. Composição: Equinácea, Propólis e Aconitum nappelus), um tubo de glóbulos às 5^{as} feiras.

Manteve-se a Ciclosporina, cada 48 horas, mas a proprietária notava que sempre que a administava, a Clarinha ficava deprimida. Assim procedeu-se ao devido desmame até à suspensão.

Após quinze dias de tratamento homeopático, a Clarinha apresentava melhorias, pelo que foi reajustado o tratamento no final de Março de 2011, da seguinte forma: Mercurius solubilis 9CH, Histaminocel-S e Dulcamara 15CH duas vezes por dia. Em Abril 2011, uma toma por dia e a 25 de Maio de 2011, cada 48 horas.

Relativamente ao facto de ela arrancar pêlo na zona do períneo, cauda e zona dorsal, foi medicada uma solução de cobre + manganês e Agaricus 9CH, mas não obtendo melhoras, iniciou-se a utilização de suplemento alimentar de zinco que propocionou o controle da situação.

Face à modalidade de agravamento ser a humidade, e portanto a Clarinha apresentar maior tendência para salivação, recomendou-se administrar Dulcamara 15CH, que tem demonstrado bons resultados.

Actualmente, a Clarinha come ração seca voluntariamente, e demonstra muito mais actividade.



Figura 4 A – Cavidade Oral 6 semanas após terapêutica homeopática; B – Cavidade Oral 9 meses após terapêutica homeopática (Imagem gentilmente cedida pelo Professor Doutor Rui Perestrelo)

1.4.1. Abordagem homeopática da Gengivo-Estomatite Crónica Felina

A cavidade oral é uma região de contacto com microorganismos, não obstante o facto de apresentar, à semelhança de todo o tracto digestivo, uma flora bacteriana normal, que é regulada por um sistema imunitário saudável. A saliva contém dois tipos de componentes, os iões tiocianato e lisozima, que inibem o crescimento bacteriano (Hamilton, 1999).

Quando o sistema imunitário enfraquece, os microorganismos começam a invadir o corpo, inicialmente pela linha gengival. Gengivas hiperémicas, ou uma linha periodontal hiperémica, indicam a profundidade da invasão assim que o organismo inicia o processo de inflamação de forma a contrariar o crescimento bacteriano. Com o contínuo enfraquecimento do sistema imunitário, a invasão intensifica e por último instala-se o processo inflamatório, a gengivite (Hamilton, 1999).

Na abordagem homeopática é de extrema importância uma anamnese detalhada de forma a registar e analisar a história biográfica do paciente com gengivo-estomatite crónica (Sánchez, 2006; Hamilton, 1999). Averiguar os factores que originaram o estado patológico e as modalidades, ou seja, as circunstâncias específicas do agravamento sintomático e as circunstâncias de alívio dos sintomas. Deve registar-se quando se iniciaram os sintomas e o padrão que expressa actualmente (Alves, 2005).

Além dos aspectos sintomáticos relativos à doença, o clínico deve questionar e observar as características comportamentais, de forma a definir o comportamento exibido pelo animal com gengivo-estomatite crónica (Sánchez, 2006; Hamilton, 1999). Há sempre que reconhecer quais os sintomas ligados à doença, e quais os característicos do animal (Alves, 2005).

Durante o exame físico deve observar-se o aspecto geral e, mais localmente, as características das lesões na cavidade oral, como: a presença de dor nas gengivas, a presença de hemorragia, a existência e localização de úlceração, halitose e pús, e saber se existe interferência da condição oral na alimentação (Hamilton, 1999).

Os medicamentos homeopáticos indicados que abrangem as diferentes variações sintomatológicas possíveis dos pacientes com gengivo-estomatite, são: *Arsenicum album*, *Arum triphyllum*, *Borax*, *Carbo vegetabilis*, *Kali chloricum*, *Kali phosphoricum*, *Kreosotum*, *Mercurius solubilis*, *Muriaticum acid*, *Natrum muriaticum*, *Nitric acid*, *Phosphorus* e

Syphilinum. (Hamilton, 1999) As características a que estes medicamentos se adequam estão prescritas no apêndice I, sob a forma de uma matéria médica resumida.

Podem ser associados outros medicamentos homeopáticos, uma vez que dentro da homeopatia, como já referido, existem três linhas principais de pensamento relativamente à abordagem terapêutica dos pacientes, que diferem na quantidade de medicação (Luna, 2007; Alves, 2005).

1.4.2. Prescrição homeopática

No momento da consulta homeopática, a 10 de Fevereiro 2011, a Clarinha encontrava-se prostrada e a ser alimentada de quatro em quatro horas. Através da observação da cavidade oral detectou-se a presença de gengivite e faucite. A mucosa oral apresentava-se hiperémica e ulcerada. Apresentava um pequeno edema no nariz e olhos, prurido facial, inaptência e ptialismo. Durante os dois anos, sempre acompanhou a Clarinha um quadro de espirros e corrimento nasal.

Investigou-se a história pregressa, já referida na secção 1.2.6., e as características individuais da Clarinha. No momento da consulta e desde que adoeceu, há cerca de dois anos antes da consulta homeopática, devido à prostração contínua, foi difícil traçar um quadro característico do comportamento da Clarinha. Através do proprietário conseguiram-se algumas informações importantes para a anamnese homeopática.

A Clarinha é uma gata meiga, carinhosa, mimada, amigável, ronrona a todas as pessoas. Gosta do colo dos donos, receber festas e dormir e assusta-se com o barulho do aspirador.

O comportamento aquando da doença, manifestava-se da seguinte forma: não brincava nem tinha interesse pelas gatas companheiras, não manifestava vontades, dormia muito e bem tapada e aconchegada, estava quase sempre deitada. Mostrava agressividade ao tentar abrir a boca, ficando normal logo de seguida.

Pesava na altura cerca de 3,950Kg. Os sintomas agravavam-se com a humidade, e melhoravam com o calor e tempo seco.

Os sintomas melhoravam algumas vezes com os medicamentos convencionais, mas logo agravavam. O quadro de Calicivírus sempre a acompanhou.

A abordagem utilizada no tratamento homeopático foi baseada na linha de pensamento da escola pluralista. A diátese pesente é oluetismo, devido à tendência

ulcerativa na expressão da Gengivo-Estomatite. Atribuiu-se a constituição Carbónica através da observação da morfologia e características peculiares. Analisando os três componentes, chegou-se ao medicamento *Mercurius solubilis* na potência 9CH.

Devido a ser uma doença crónica convém compreender o modo de reagir do organismo da Clarinha na interacção com a doença. Com o intuito de realizar o tratamento mais completo e individualizado, efectuou-se a repertorização para prescrever o medicamento de fundo ou *simillimum* da Clarinha. Assim com base nas características comportamentais, nos sintomas expressados, nas modalidades de agravamento e de melhoria, decidiu-se medicar a Clarinha com o medicamento homeopático *Sílicea* na potência 15CH.

Resumidamente, o medicamento homeopático *Sílicea*, aplica-se aos animais que se caracterizam por timidez e desconfiança, procurando lugares/pessoas onde possam estar protegidos. São animais carinhosos, limpos e solitários. São friorentos e dormem muito. Os sintomas agravam-se com temperatura baixa. (Sánchez, 2006)

Devido ao excesso de produção de saliva que a Clarinha apresentava aquando da presença de tempo húmido (modalidade de agravamento), foi prescrito *Dulcamara* na potência 15CH.

A *Dulcamara* é o medicamento homeopático de eleição em casos de desenvolvimento de distúrbios devido a temperatura baixa e humidade, alimentos e bebidas frias e, aquando das mudanças de temperaturas altas para temperaturas frias.

Para o facto da Clarinha arrancar o pêlo na zona do períneo, cauda e zona dorsal, prescreveu-se o *Agaricus* e suplemento alimentar de cobre + manganês, mas apenas se controlou a situação com o suplemento alimentar de zinco. A deficiência em zinco manifesta-se em sintomas observados na pele, unhas e pêlo.

O medicamento homeopático *Agaricus* aplica-se em caso de problemas nervosos, como convulsões, espasmos e tremores.

O *Influmed*[®] foi prescrito no intuito de estimular o sistema imunitário. É um medicamento homeopático composto por *Equinácea*, *Propólis* e *Aconitum nappelus*, indicado para estimular o sistema imunitário, sendo usado como coadjuvante em estados gripais. O *Histaminocel-S*[®] contém histamina, para eliminar o prurido (libertação de histamina).

Após quinze dias já eram notórios os resultados positivos. Manteve-se o tratamento, com ajuste contínuo de administrações diárias. De quatro tomas diárias iniciais, passaram a ser duas, depois uma, dia sim dia não, e por fim de três em três dias.

A Clarinha voltou a ter qualidade de vida, tornou-se muito mais activa e não tem de ser alimentada todos os dias pelos proprietários. Come ração seca e não fica entusiasmada com dieta húmida. O seu comportamento expressa-se de forma diferente. A Clarinha corre, brinca, interage com as companheiras, mostra vontade própria relacionando-se com personalidade. Passa menos tempo deitada e já não tolera estar aconchegada quando a dona a tapa.

1.5. Objectivos

O principal objectivo desta dissertação é a caracterização da aplicação da homeopatia na prática clínica de um Centro Médico Veterinário da área de Cascais. Os objectivos secundários são identificar de que modo e em que situações são utilizados os medicamentos homeopáticos quer como terapêutica única quer como tratamento complementar, assim como caracterizar a taxa de repertorização, ou seja, a taxa dos animais em que se pesquisou o medicamento de fundo/ *simillimum*.

~ 2. Material e Métodos ~

2.1. Amostra

Durante o estágio curricular registaram-se 91 casos clínicos, relativos a um período de 60 dias, com o objectivo de caracterizar a casuística da Clínica Veterinária Refúgio da Bicharada, situada em Carcavelos, com prática homeopática associada ao tratamento convencional, de forma a ser possível entender a aplicação da homeopatia na prática clínica.

Perante essa amostra analisou-se a aplicação da terapêutica homeopática e a repertorização do paciente, com o intuito de comparar estes parâmetros face à aplicação homeopática associada ou não à terapêutica convencional.

2.2. Métodos

Os dados e a história pregressa de cada paciente foram retirados das consultas diárias na clínica. Algumas consultas eram exclusivamente na área de homeopatia e desenrolavam-se de acordo com a semiologia homeopática, enquanto as restantes eram realizadas de forma convencional.

A consulta homeopática abrange um questionário extenso ao proprietário, no qual se colocam perguntas relativas aos sintomas actuais, sintomas recorrentes, doenças anteriores e aspectos característicos e peculiares do comportamento do seu animal.

O diagnóstico obteve-se a partir dos meios de diagnóstico existentes na medicina, não excluindo nenhum meio de diagnóstico que seja necessário ao caso em questão.

A metodologia utilizada envolveu o software homeopático Radar e bibliografia específica de pesquisa homeopática, nomeadamente o Repertório de Kent, a Matéria Médica Veterinária da Dr^a. Coral Mateo Sánchez e os livros *Homeopathic Care for Cats and Dogs* do Dr. Don-Hamilton e *Los animales y la homeopatía* do Dr. Flavio Briones Silva.

Nos casos agudos, prescreveu-se terapêutica direccionada ao quadro sintomático. Nesta situação consultou-se o livro *Homeopathic Care fo Cats and Dogs* do Don-Hamilton, o qual descreve as várias formas de expressão de cada doença/sintoma. Selecciona-se o medicamento homeopático consoante a expressão do animal face a determinada doença.

Quando se decidiu repertorizar, nomeadamente no caso das doenças crónicas, efectuou-se a hierarquização dos sintomas.

A doença é considerada aguda quando surge rapidamente e com evolução característica, e crónica em casos clínicos de evolução lenta e gradual e fim indeterminado.

Seguidamente, pesquisaram-se quais os medicamentos homeopáticos que abrangiam todos sintomas através do software Radar ou do repertório de Kent. Após obter os medicamentos homeopáticos possíveis de abranger todos os sintomas, consultou-se a Matéria Médica com a finalidade de aprofundar as peculiaridades de cada medicamento, para perceber qual o que melhor se adequa ao paciente em questão.

O medicamento homeopático era preparado mediante o método plus, no qual se dilui de dois grânulos do medicamento em 30 ml do solvente (água mineral) e se dinamiza, agitando cerca de 10 vezes contra a palma da mão.

Foi realizado tratamento estatístico descritivo, no qual se efectuou o teste de Mann-Whitney (nível de significância de 5%).

~ 3. Resultados ~

Este trabalho estatístico consiste em duas partes: a primeira visa a caracterização da amostra do estudo que acedeu apenas a tratamento homeopático (tratamento homeopático) e a medicamentos homeopáticos de forma complementar (tratamento complementar homeopático); a segunda parte reflecte a população na qual se procedeu a repertorização.

3.1. Caracterização da amostra

a) Espécie dos animais da amostra

A amostra em estudo é constituída por 91 animais, dos quais 25% (n=23) são canídeos e 75% (n=68) são felídeos, aos quais foi aplicado tratamento homeopático.

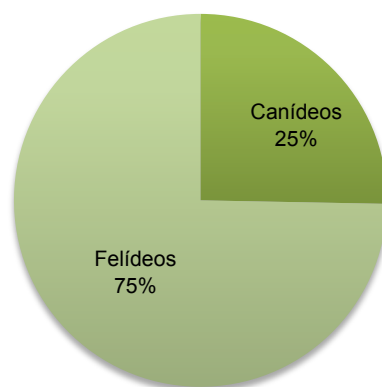


Figura 5 Percentagem de animais por espécie

b) Género dos animais da amostra

Dos canídeos da amostra 48% são machos e 52% são fêmeas. No caso dos felídeos 50% são machos e 50% são fêmeas.

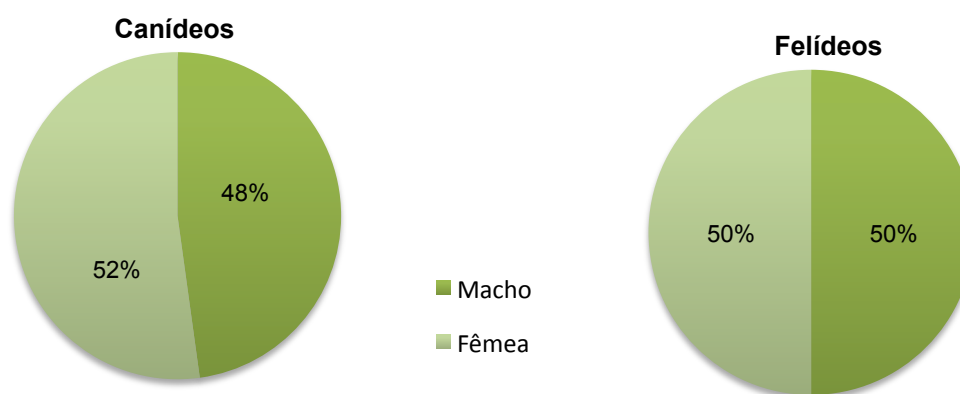


Figura 6 Percentagem de canídeos e felídeos por gênero

Tabela 1 População de canídeos e felídeos por gênero

Sexo	Espécie		Total
	Canídeo	Felídeo	
Macho	11	34	45
Fêmea	12	34	46
Total	23	68	91

c) Idade média dos animais da amostra

A idade média dos canídeos em estudo é de 7,86 anos (IC95% [6,39; 9,33]) com idades mínimas de um ano e máximas de 12 anos.

A idade média dos felídeos em estudo é de 3,09 anos (IC95% [1,87; 4,30]) com idades mínimas de um mês e máximas de 19 anos.

Tabela 2 Idade Média *versus* espécie

Espécie		Estatística
Idade	Canídeo	
	Idade Média	7,8636
	Idade Mínima	1
	Idade Máxima	12
Felídeo		
	Idade Média	3,0913
	Idade Mínima	0,08
	Idade Máxima	19

Verificou-se, na amostra, que a idade média entre canídeos e felídeos, nos quais foram prescritos estes tratamentos é substancialmente diferente. Utilizou-se a estatística inferencial para verificar se tal é verdade na população. Como a distribuição de idades dos felídeos não segue uma distribuição normal, optou-se por executar a alternativa não paramétrica para o teste t para amostras independentes : o teste de Mann-Whitney.

O teste de Mann-Whitney sugere que há diferenças estatisticamente significativas para as idades de cães e gatos que se apresentam neste tipo de consultas ($p\text{-value} < 0,001$) para um nível de significância de 5%.

d) Estado reprodutivo dos animais da amostra

Para o estado reprodutivo, os resultados são válidos para os registos efectuados, dado que dispomos de informação de 5 cães em 23, e de 63 gatos em 68.

Tabela 3 Distribuição e percentagem de canídeos por estado reprodutivo

	Esterilização	n	%
	Esterilizado	5	22
Sem registo		18	78
Total		23	100

Tabela 4 Distribuição e percentagem de felídeos por estado reprodutivo

	Esterilização	n	%
	Inteiro	34	50
	Esterilizado	29	43
Total		63	93
Sem registo		5	7
Total		68	100

Tabela 5 Género versus estado reprodutivo

Sexo		Espécie	
		Canídeo	Felídeo
Macho	Inteiro	0	14
	Esterilizado	1	18
Fêmea	Inteira	0	20
	Esterilizada	4	11
Total		5	63

3.2. Tratamento homeopático e tratamento complementar homeopático

Em geral, a aplicação de tratamento homeopático nesta amostra assenta nos 75% (n=68). A aplicação de tratamento complementar homeopático verificou-se em 25% (n=23) desta amostra.

Tabela 6 Distribuição dos animais por tratamento homeopático e complementar homeopático

Tratamento	n
Homeopático	68
Complementar homeopático	23
Total	91

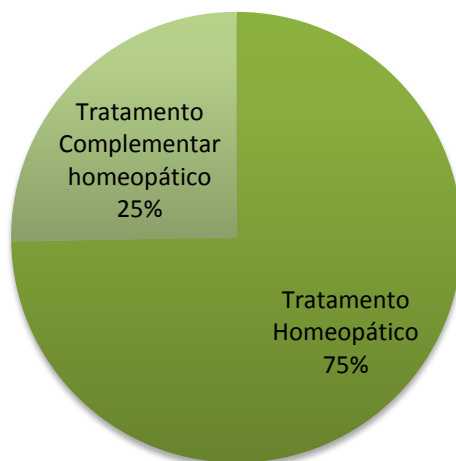


Figura 7 Percentagem de animais por tratamento (homeopático e complementar homeopático)

a) Área médica

Os medicamentos homeopáticos foram prescritos com maior frequência nas áreas médicas de etologia 31% (n=28), doenças do tracto respiratório 22% (n=20), seguido de gastroenterologia 12% (n=11), ortopedia e doenças do tracto urinário, ambas com 8% (n=7) e dermatologia com 6% (n=5). Nas áreas de neurologia e oncologia este tipo de tratamento foi prescrito na ordem dos 4% (n=4). Em cardiologia e hematologia foi de 2% (n=2) e otorrinologia 1% (n=1).

Tabela 7 Distribuição e percentagem de animais por área médica

Área médica	n	%
Cardiologia	2	2
Dermatologia	5	6
Gastroenterologia	11	12
Etologia	28	31
Hematologia	2	2
Neurologia	4	4
Oncologia	4	4
Ortopedia	7	8
Otorrinologia	1	1
Doenças do tracto respiratório	20	22
Doenças do tracto urinário	7	8
Total	91	100

O tratamento homeopático foi aplicado com maior frequência nas áreas de etologia (100%; n=28), seguido de doenças do tracto respiratório (90%; n=18) e gastroenterologia (55%; n=6). O tratamento complementar homeopático foi mais aplicado em gastroenterologia (45%; n=5) e oncologia (100%; n=4).

Nas áreas médicas de otorrinologia (n=1), etologia (n=28) e dermatologia (n=5), a aplicação de tratamento homeopático observou-se em 100% dos casos clínicos.

Nas áreas médicas de cardiologia (n=2), hematologia (n=2), e oncologia (n=4) a aplicação foi como tratamento complementar em 100% dos casos clínicos.

Na área de doenças do tracto respiratório a aplicação de tratamento homeopático efectuou-se em 90% (n=18) dos animais e como complementar em 10% (n=2). Na área de gastroenterologia realizou-se tratamento homeopático na ordem de 55% (n=6) e complementar 45% (n=5). Na área de neurologia o tratamento foi 50% complementado, 50% apenas homeopático. Nas doenças do tracto urinário e ortopedia, 57% (n=4) dos casos foram tratados apenas com tratamento homeopático e 43% (n=3) com tratamento complementar homeopático.

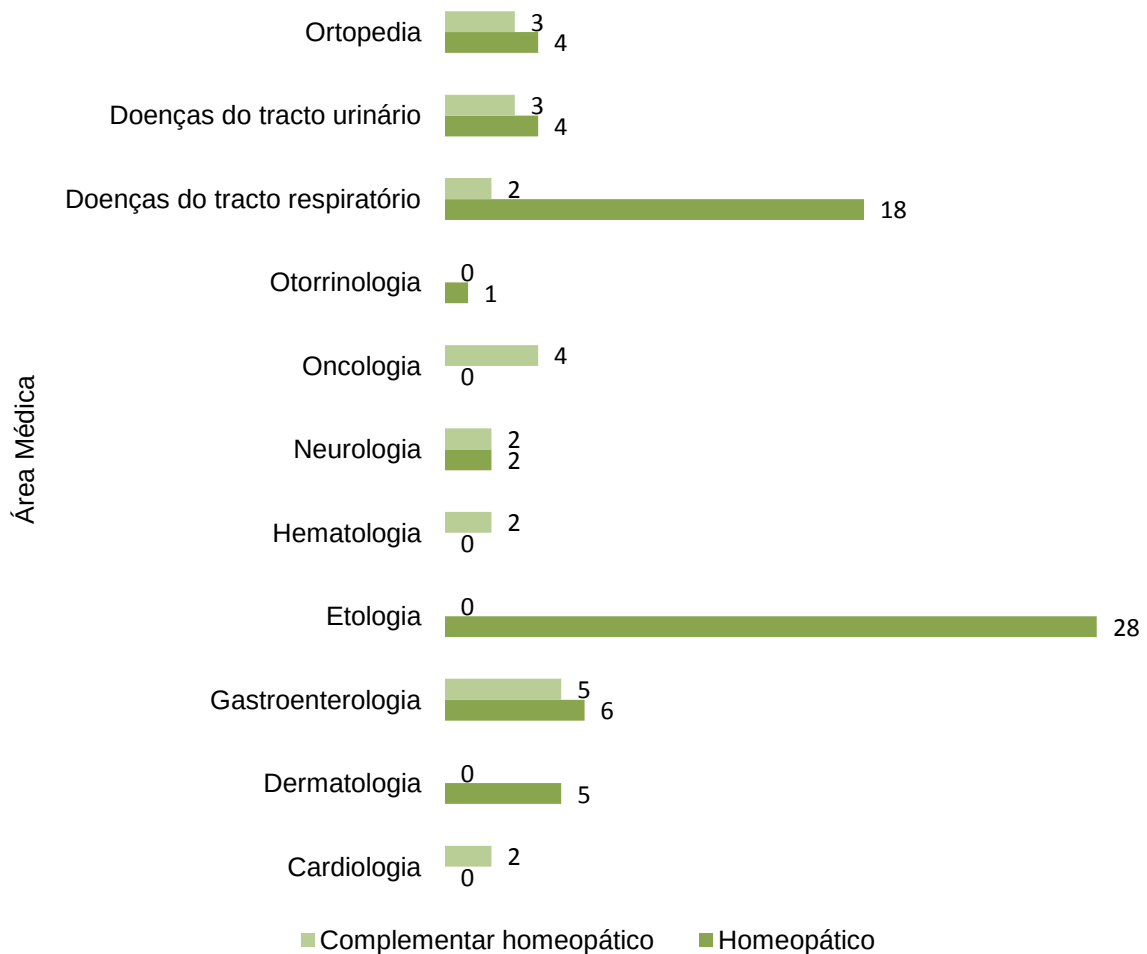


Figura 8 Distribuição dos animais por área médica e tratamento (homeopático e complementar homeopático)

b) Doenças

A doença denominada por 'apatia comportamental' caracteriza-se por actividade diminuída, indiferença, apatia e medo, normalmente associada a uma resposta a um estímulo negativo, como por exemplo trauma.

Os medicamentos homeopáticos foram mais recorridos nas seguintes doenças: coriza (17%; n=15); agressividade em ninhadas (15%; n=14); apatia comportamental (10%; n=9); osteoartrose (8%; n=7); gengivo-estomatite e asma brônquica (4%; n=4) e obstipação (3%; n=3).

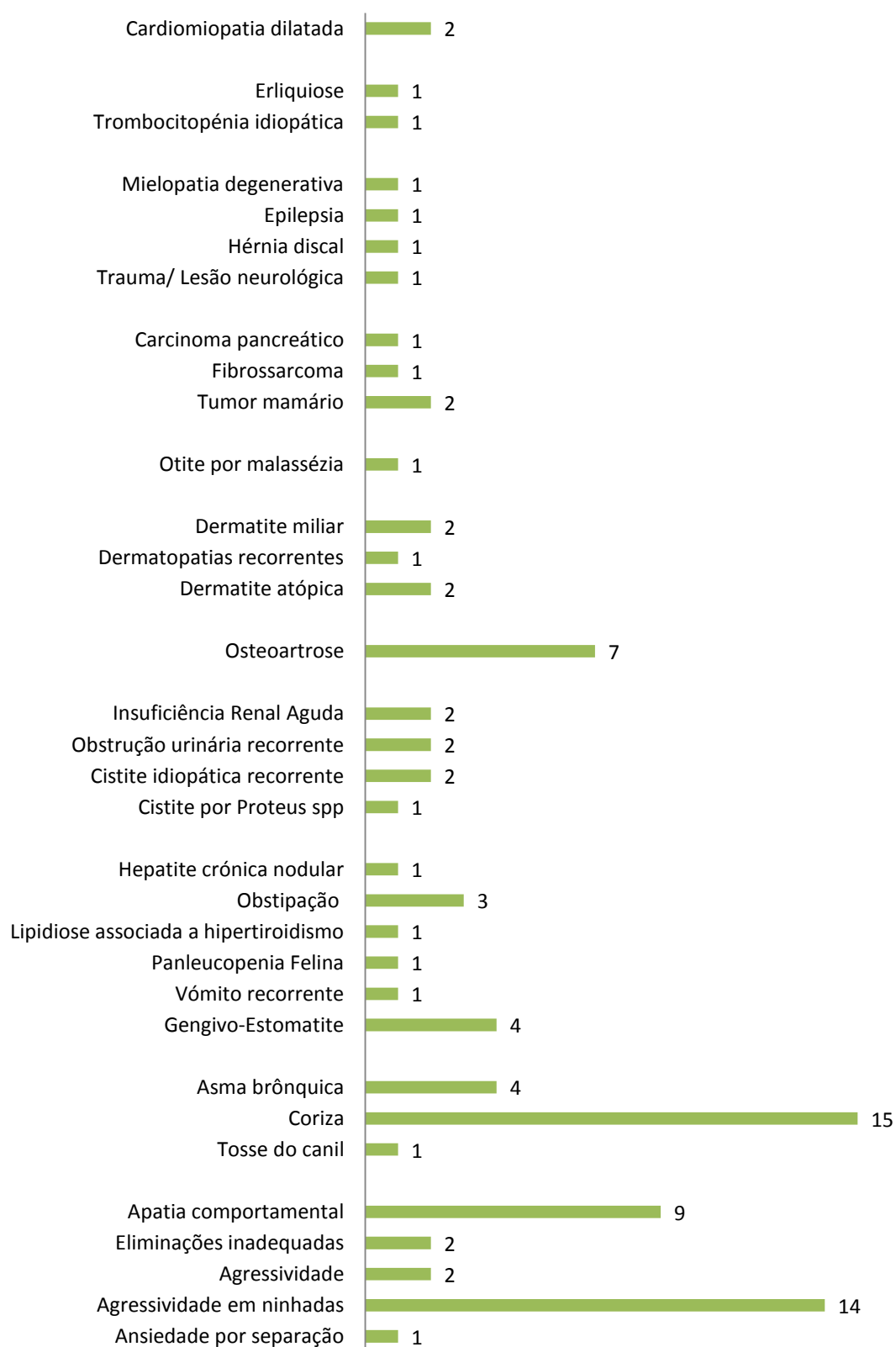


Figura 9 Distribuição dos animais por doenças e aplicação de medicamentos homeopáticos

O tratamento homeopático exclusivo foi aplicado em coriza (93%; n=14); agressividade em ninhadas (100%; n=14); apatia comportamental (100%; n=9); osteoartrose (57%; n=4); gengivo-estomatite e asma brônquica (75%; n=3) e obstipação (100%; n=3). Nas restantes doenças foi aplicado da seguinte forma: dermatite atópica, dermatite miliar, agressividade, insuficiência renal e eliminações inadequadas (100%; n=2) e nas restantes, nomeadamente, hérnia discal e otite por malassézia, dermatopatias recorrentes, vômito recorrente, tosse do canil e ansiedade por separação (100%; n=1); obstrução urinária recorrente e cistite urinária recorrente (50%; n=1).

O tratamento complementar homeopático foi prescrito em osteoartrose (43%; n=3); cardiomiopatia dilata e tumor mamário (100%; n=2); erliquiose, trombocitopenia idiopática, mielopatia degenerativa, epilepsia, trauma/lesão nervosa, carcinoma pancreático, fibrossarcoma, hepatite crónica nodular, lipidiose associada a hipertiroidismo, panleucopenia felina, cistite por *Proteus spp* (100%; n=1), gengivo-estomatite e asma brônquica (25%, n=1); coriza (7%; n=1); obstrução urinária recorrente e cistite urinária idiopática (50%; n=1).

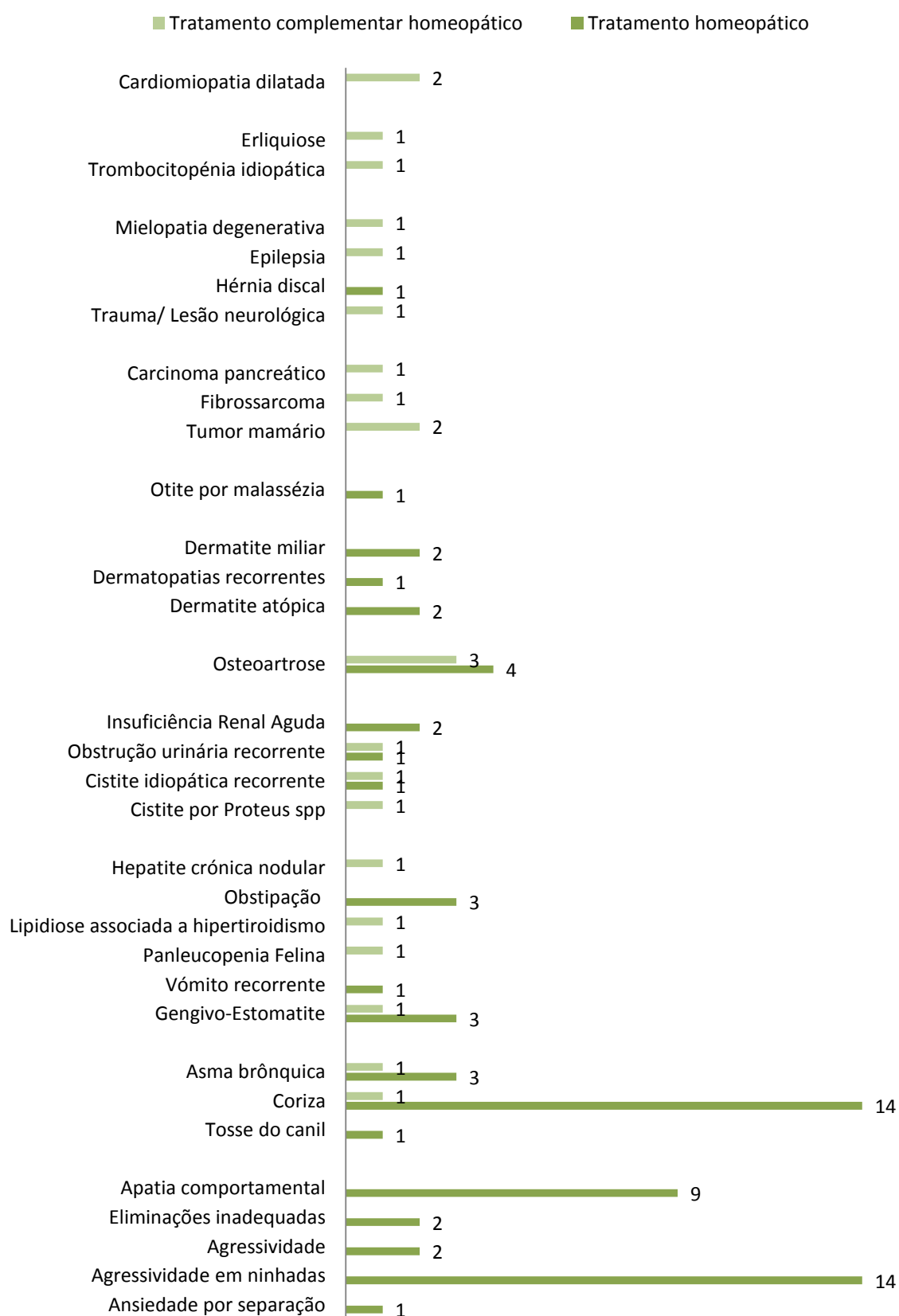


Figura 10 Distribuição dos animais por doenças e tratamento (homeopático e complementar homeopático)

3.3. Repertorização

No âmbito da abordagem homeopática realizou-se a repertorização do animal, isto é, definiu-se o medicamento de fundo (*simillimum*) em 36% (n= 33) dos animais da amostra.

O medicamento homeopático de fundo *Calcarea carbonica* foi repertorizado em 8% (n=7) dos animais, seguindo-se *Staphisagria* e *Bryonia*, ambas em 6% (n=5) dos animais.



Figura 11 Percentagem dos animais por repertorização

Tabela 8 Distribuição e percentagem dos animais por repertorização (*simillimum*)

Repertorização		
	n	%
Não repertorizados	58	64
Sílicea	1	1
Arsenicum	1	1
Bryonia	5	6
Calcarea Carbonica	7	8
Cantaris	1	1
Ignatia	2	2
Lycopodium	2	2
Mercurius solubilis	2	2
Natrium carbonicum	1	1
Nux vomica	1	1
Phosphorus	2	2
Pulsatilla	1	1
Staphisagria	5	6

Repertorização (cont.)		
	n	%
Sulphur	1	1
Thuya	1	1
Total	91	100

~ 4. Discussão ~

A título de esclarecimento inicial, algumas considerações são necessárias sobre o actual panorama da pesquisa clínica homeopática, uma vez que existe pouco suporte bibliográfico que apoie o estudo estatístico realizado.

Até à data, a pesquisa clínica veterinária homeopática tem tido por base ensaios clínicos randomizados controlados (RCTs – *randomised controlled trials*) em grupos de animais, nomeadamente em animais de pecuária, com o objectivo de demonstrar o efeito de determinado medicamento homeopático (Clausen & Albrecht, 2010; Mathie et al., 2007). Esta tendência reflecte uma motivação essencialmente económica, nomeadamente na redução do custo e aumento de produção (Clausen & Albrecht, 2010). Assim, torna-se importante caracterizar os resultados clínicos da prática veterinária homeopática através do registo do acompanhamento da aplicação dos tratamentos homeopáticos em clínicas de animais de companhia, para que se realizem estudos mais congruentes (RCTs) aplicados a mais espécies, respeitando o modelo homeopático (Mathie et al., 2007).

A homeopatia pode ser prescrita, quer como complemento de outras formas de tratamento quer, por vezes, como a principal linha terapêutica usada num paciente (Clover, 1993).

Como tal, a pertinência deste estudo estatístico assenta na aplicação da abordagem homeopática em diversos actos clínicos na Clínica Veterinária Refúgio da Bicharada. Dos 91 animais estudados, destacam-se várias situações, simples e complexas, nas quais se recorreu a medicamentos homeopáticos associados ou não à terapêutica convencional.

Pela forma como a homeopatia é prescrita, individualizando o animal, torna-se complicado basear um estudo estatístico com as variantes rígidas dos modelos da farmacologia convencional.

Para o presente estudo, a autora tentou recorrer a associações de animais /canis, no intuito de reunir 2 grupos de animais (grupo de tratamento homeopático e grupo controle) e tratá-los para uma doença aguda. No entanto, na altura da procura, não existiam animais suficientes para obter uma amostra significativa de determinada doença.

Devido ao curto intervalo de tempo de recolha de casos clínicos, várias doenças e vários animais estão presentes na amostra. Assim, a especificidade do estudo não se direcciona a determinada doença ou medicamento homeopático.

Os resultados do presente trabalho serão sujeitos, principalmente, a comparação crítica com os dois artigos científicos publicados em Inglaterra, em 2007 e 2010 por R.T. Mathie e colegas, sobre a utilização da homeopatia em clínica de pequenos animais. A escolha destes artigos deve-se ao facto de terem sido considerados os mais completos e actuais dos realizados até à data dentro desta área em território europeu e por demonstrar bastantes semelhanças com o presente trabalho.

Ambos os artigos científicos apresentam casos clínicos referentes a um intervalo de tempo superior ao estudo sobre o qual incide a presente dissertação, factor que permite uma análise mais complexa dos resultados. A recolha dos casos clínicos é efectuada em várias clínicas relectando, portanto, a experiência de vários médicos veterinários, que trabalham em diferentes regiões e com condições, de certa foma inerente, também a elas. Os casos clínicos são classificados numa escala de -3 (elevada deterioração)/ não resolvido) a +3 (elevada melhoria/resolvido), conforme a melhoria visualizada (Mathie et al., 2010; Mathie et al. 2007).

Seria interessante, no futuro, realizar estudos em Portugal com um maior intervalo de tempo de recolha de dados e avaliação da resposta terapêutica, a fim de se reunirem resultados significativos para uma validação mais específica da prescrição homeopática, tal como efectuado nos estudos acima referidos.

4.1. Discussão do estudo estatístico

a) Caracterização da amostra

Os animais dos 91 casos clínicos, 23 canídeos e 68 felídeos, apresentam uma grande variância de idades. Verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas para as idades dos cães e dos gatos ($p\text{-value} < 0,001$). A idade dos felídeos varia entre um mês e 19 anos, enquanto a dos canídeos varia entre um ano e 12 anos. Relativamente ao género, pode também verificar-se essa versatilidade visto que, nesta amostra, dos canídeos, 48% (n=11) são machos e 52% (n=12) são fêmeas e, dos felídeos, 50% (n=34) são machos e 50% (n=34) são fêmeas.

Assim, observa-se uma ampla distribuição de idades e género na amostra, apesar de a espécie felina ter maior representação, o que permite ter noção da aplicabilidade dos medicamentos homeopáticos independentemente da fase de vida e género de um animal. A

maior representação dos felídeos deve-se, provavelmente, ao facto de os animais resgatados da rua serem maioritariamente da espécie felina.

b) Tratamento homeopático e tratamento complementar homeopático

O tratamento homeopático foi aplicado em 75% (n=68) dos animais da amostra, e o tratamento complementar homeopático em 25% (n=23). Várias situações podem explicar estes resultados. Em diversas situações clínicas, a experiência decorrente da utilização e consequente eficácia do medicamento homeopático perante determinado caso clínico, influencia a escolha.

Um exemplo prático dos casos do presente trabalho é, em gatas com idade avançada, com sinais de obstipação, em que se recorreu, em três casos clínicos, apenas ao medicamento homeopático *Bryonia* na potência de 30 CH.

Observa-se uma certa confiança na prescrição de terapêutica exclusivamente homeopática, uma vez percebido, através da experiência clínica e receptividade por parte dos proprietários, em que tipo de situações clínicas é possível, a sua aplicação com confiança.

c) Área médica

Nas áreas médicas de etologia (31%, n=28) e doenças do tracto respiratório (22%, n=20) acedeu-se com frequência a medicamentos homeopáticos. A elevada casuística de ninhadas de gatos com um mês de idade resultante da recepção de animais resgatados da rua, contribui para o aumento das percentagem nestas áreas médicas. Estes gatos apresentam diversas vezes perturbações de agressividade ou síndrome respiratório felino (rinite e conjuntivite).

Nos animais da amostra em estudo com problemas de foro etológico, recorreu-se apenas a tratamento homeopático, em casos como ansiedade por separação, agressividade na consulta clínica, agressividade direccionada aos donos, apatia comportamental e eliminações inadequadas em felinos. Este resultado encontra-se de acordo com a colecta de casos clínicos realizada por Mathie et al. (2007), no qual a maior percentagem de casos clínicos com elevada pontuação (+2/+3) dos 767 animais do estudo, é relativo a problemas comportamentais entre outros, como os musculo-esqueléticos e os uro-genitais tratados com homeopatia (Mathie et al., 2007).

A abordagem homeopática normalmente engloba aspectos comportamentais na semiologia, pois emoções repetidas induzem distúrbios de função e lesões, sendo necessário equilibrar o aspecto emocional (Kossak-Romanach, 2003). Normalmente, este aspecto é afectado pelo tratamento global do paciente, aquando da repertorização, por equilibrar a energia vital. O caso clínico mencionado no capítulo I, reflecte essa mudança de comportamento, apesar da intenção inicial ser o tratamento da gengivo-estomatite. Deste modo, a homeopatia actua de uma forma global no paciente.

Em casos de ansiedade, apatia, entre outros, a homeopatia pode também equilibrar especificamente sintomas estranhos e comportamentais peculiares (Souza, 2002).

Nos casos clínicos das ninhadas da amostra deste estudo, aplicou-se um medicamento homeopático único a todos os gatos da ninhada, direccionado ao quadro sintomático comum expresso pelo grupo.

Em homeopatia é possível tratar uma doença num grupo de animais, desde que, o medicamento escolhido reúna os sintomas peculiares expressos por todos os animais, ou seja, individualize a sintomatologia da doença do grupo (Alves, 2005). Tal como cada paciente apresenta um conjunto de sintomas característico que o difere dos outros pacientes com a mesma doença, cada doença de grupo é “um fenómeno com as suas próprias características” (Teixeira, 2010).

Em concordância com essa possibilidade, duas das ninhadas de gatos com cerca de um mês de idade pertencentes à amostra deste estudo, expressavam sintomas de síndrome respiratório felino, ao qual, após a sua caracterização, se aplicou o medicamento homeopático adequado a todos os elementos da ninhada. Uma dessas ninhadas era constituída por quatro gatos que apresentavam conjuntivite e rinite ligeiras, enquanto a outra era formada por oito gatos com corrimento nasal purulento unilateral e rinite. Mediante estes quadros clínicos de grupo, foram prescritos diferentes medicamentos homeopáticos, respectivamente, *Ferrum phosphoricum* a 9CH e *Kalium bichromicum* a 6CH.

A homeopatia foi aplicada também a doenças crónicas na área médica de doenças do tracto respiratório como asma bônquica.

A área de gastroenterologia (12%; n=11) foi a terceira área onde a homeopatia foi aplicada com maior frequência. Este facto pode ser justificado pela difícil resolução de algumas doenças no âmbito da terapêutica convencional. Na amostra deste estudo, há

alguns exemplos que retratam essa questão, nomeadamente quatro gatos com gengivite-estomatite felina.

De acordo com Niza et al. (2004), em medicina felina, as afecções inflamatórias da cavidade oral são frequentes, sendo referidas como a segunda causa mais frequente dentro desta esfera, sendo que a primeira é a doença periodontal. A gengivo-estomatite crónica felina é uma entidade clínica complexa e de difícil resolução terapêutica, devido à severidade e cronicidade das lesões com frequentes agudizações, possuindo um carácter elevado de refractibilidade face aos tratamentos (Niza et al., 2004). Sendo assim, o êxito terapêutico frequentemente se mostra transitório e imprevisível, requerendo uma correcta individualização terapêutica (Niza et al., 2004).

A história clínica da gata, referida no capítulo I da presente dissertação, reflecte esta complexidade. Recorreu-se à abordagem homeopática, após dois anos de inúmeras tentativas com tratamento convencional, o que se deve ao carácter da doença em causa. Nestas situações, o ideal será um tratamento individualizado, pois um único tratamento não cura todos os gatos com esta doença (Wolf, 2009; Baird, 2005; Niza et al., 2004).

Nos restantes três gatos da amostra em estudo com gengivo-estomatite felina tratados com homeopatia, também se observou melhoria.

De acordo com uma recolha de casos clínicos exposta por Mathie et al. (2007), que envolvia 767 animais tratados apenas com medicamentos homeopáticos, a maior percentagem de resultados positivos em 114 gatos foi em casos de gengivite, dermatite atópica e hipertiroidismo (Mathie et al., 2007).

Nas áreas médicas em que o tratamento homeopático foi complementar, nomeadamente, cardiologia e hematologia (100%; n=2) e oncologia (100%; n=4), verifica-se que as doenças em causa requerem uma resolução imediata. Em homeopatia, a cura, nomeadamente das doenças crónicas, nem sempre se desenrola tão rapidamente quanto o necessário ou esperado pelo proprietário. Nestas situações clínicas, o tratamento poderá auxiliar da seguinte forma: o medicamento homeopático pode auxiliar na diminuição de determinado sintoma, na eliminação/diminuição da dose de algum medicamento convencional que seria necessário manter ou mostra-se útil na fase de prevenção ou diminuição de recidivas.

Embora, através da experiência prática se aumente a confiança relativamente a determinadas doenças, existem de facto situações clínicas, mais complexas ou pouco experienciadas em termos homeopáticos na prática que encaminham o clínico veterinário a

prescrever terapêutica convencional, recorrendo a medicamentos homeopáticos como terapia adicional.

d) Doenças

A confiança adquirida com a experiência nesta clínica através de respostas clínicas positivas anteriores em algumas doenças, tais como dermatite miliar, dermatite atópica, gengivo-estomatite, otite por *malassezia*, obstrução urinária recorrente, cistite recorrente, tosse do canil, entre outras acima referidas, permitiu aplicar apenas medicamentos homeopáticos. As alterações clínicas com maior taxa de aplicação de tratamento homeopático foram a coriza, a agressividade em ninhadas, a apatia comportamental e a osteoartrose. No estudo de Mathie et al. (2010), não obstante ser direccionado a doenças crónicas, as doenças com maior cotação de resultados positivos em cães foram a dermatite, a artrite, o pioderma, a colite, a epilepsia, a otite externa, a diarreia, a incontinência urinária, e a espondilose, enquanto nos gatos foram a dermatite, a artrite, a insuficiência renal e o hipertiroidismo (Mathie et al., 2010).

A introdução de medicamentos homeopáticos na prática clínica torna-se vantajosa, entre outras razões, pelo seu baixo valor económico. De forma a abranger a disponibilidade, a todos os cães e gatos, de uma possibilidade terapêutica, será de bom senso utilizar abordagens menos dispendiosas, possibilitando assim a aplicação em gatos ou cães resgatados da rua, associações protectoras, bem como em *canis* e *gatis*.

As ninhadas de gatos resgatados da rua, presentes na amostra, foram sempre tratadas apenas com homeopatia, o que facilita quem investe no tratamento e permite não recorrer a medicamentos como antibióticos e anti-víricos em gatos tão jovens.

Os médicos homeopatas em geral, são frequentemente inquiridos sobre a necessidade de prescrever anti-microbianos para tratar infecções ou se os medicamentos homeopáticos podem evitá-lo, pois o tratamento homeopático pode por vezes, mas não sempre, evitar fazer uso das formas mais fortes de medicamentos convencionais (Clover, 1993).

O exemplo do caso clínico descrito no capítulo I, reflecte a vantagem económica, visto que em dois meses de terapêutica homeopática e consequente resposta positiva ao tratamento, os custos rondaram sensivelmente um décimo do valor relativo ao que os proprietários tinham dispendido com o animal até então.

Em dermatologia, situações clínicas como dermatite atópica e dermatite miliar em quatro gatos foram tratadas apenas recorrendo à homeopatia. Este resultado é consistente com o descrito por Mathie et al. 2007 e 2010, em que as dermatites, no sentido lato, são consideradas condições com uma resposta muito positiva ao tratamento homeopático (Mathie et al, 2010; Mathie et al., 2007).

Ainda é de referir que a homeopatia foi aplicada nestas alterações clínicas de forma a evitar a prescrição de corticoterapia, que poderá ter efeitos adversos a longo prazo, que normalmente é prescrita neste tipo de alterações dermatológicas.

É pertinente verificar que existem situações em que o tratamento homeopático é prescrito para evitar as agudizações da doença. São exemplos desta situação os casos clínicos de obstrução urinária recorrente, cistite recorrente, cistite por *Proteus* spp, epilepsia, tumor mamário, fibrossarcoma e hepatite crónica nodular.

Nos casos oncológicos o tratamento homeopático é prescrito como tratamento paliativo.

Em sete dos animais da amostra com osteoartrose, a três foram prescritos condroprotectores e o complexo homeopático (*Ruta* 9CH, *Formica* 9CH, *Arnica* 9CH) e a quatro apenas o complexo homeopático. Verificou-se que os animais se mantêm estáveis, sem apresentar sintomatologia significativa (não claudicam, estão activos, levantam-se sem hesitação, correm e brincam). Desta forma evita-se a prescrição contínua de AINEs, assim como os seus efeitos adversos.

Em ambos os artigos de Mathie et al., são representados casos clínicos de artrite com elevada taxa de resultados positivos. Nestes casos foram prescritos os medicamentos homeopáticos *Rhus toxicodendron*, *Ruta graveolens* e *Arnica montana* (Mathie et al., 2010; Mathie et al. 2007). Como resultados ao tratamento homeopático, dos cães que apresentavam esta condição clínica, cerca de 80,2% obtiveram resultados com classificação de +2/+3, e dos gatos cerca de 80% (Mathie et al., 2010).

Ainda noutro artigo, verificou-se a mesma classificação em 61,9% dos cães que apresentavam artrite, contrariamente aos gatos, em que não houve nenhuma referência (Mathie et al., 2007). Relativamente a este artigo, é ainda de referir que, maioritariamente, esta classificação (+2/+3) em cães foi atribuída também à epilepsia (Mathie et al., 2007).

Em determinados animais define-se a modalidade de agravamento, que proporciona o aparecimento da doença, e recomenda-se a continuação de determinado medicamento homeopático, numa medida sensivelmente profiláctica, prevenindo o re-

instalar da doença. A procura das modalidades que propiciam a instalação da doença, minimiza a recorrência, ideal em situações crónicas (Kossak-Romanach, 2003).

Na situação da gata referida no capítulo I, a humidade predispõe a ocorrência de ptialismo bem como agravamento dos restantes sintomas do seu quadro clínico. Assim, considerando esta modalidade, sempre que se prevê um aumento de humidade do clima, administra-se *Dulcamara*, um medicamento homeopático adequado a susceptibilidades associadas à humidade.

Esta gestão terapêutica foi efectuada também num cão com ansiedade por separação, que se manifestou através da formação de uma lesão na pata posterior decorrente de dermatite acral por lambedura. A prescrição homeopática, *Staphisagria* 200CH e *Thuya* 30CH, resolveu esses sintomas. No entanto, a inquietação continuava a surgir quando a proprietária o colocava num hotel para se ausentar durante quinze dias, razão pela qual foi prescrito *Gelsemium* 30CH a ser administrado cinco dias antes do evento, de forma a prevenir o desencadear previsto da ansiedade.

e) Repertorização

Por curiosidade, decidiu-se analisar a taxa de repertorização e os medicamentos de fundo/ *simillimum* mais utilizados.

De acordo com a Teoria Geral dos Sistemas do biólogo Bertalanffy, que dá ênfase à inter-relação e interdependência entre os componentes que formam um sistema, qualquer mudança numa das partes afectará todo o conjunto (Vanderlei, 2010). A homeopatia participa desta visão holística, actuando globalmente no ser vivo ao valorizar os seus diversos aspectos mentais/comportamentais, gerais e físicos (Teixeira, 2006). Há necessidade de considerar a individualidade animal, assim como o quadro sintomatológico, para perceber a forma como reage perante determinado factor que desencadeia a doença (Sánchez, 2006; Alves, 2005).

Assim, é importante saber em que situações se procede à repertorização de determinado animal com o objectivo de encontrar o seu medicamento de fundo ou *simillimum*, ou seja, o medicamento similar que engloba as características comportamentais, os sintomas expressados, a lateralidade dos sintomas e a modalidade de agravamento e de melhoria.

Tanto no caso de doenças crónicas como de agudas, e de acordo com os princípios homeopáticos, deve encontrar-se sempre o medicamento homeopático mais semelhante. Existem causas de doenças que não têm directamente a ver com o *simillimum*, como por

exemplo traumatismo, fracturas, queimaduras etc. (Sánchez, 2006), o que não invalida que o animal não venha a reagir a esse estímulo conforme as suas características de fundo. Existe, por esse motivo, uma maior necessidade de prescrever o *simillimum* nos casos de doença crónica. Nestes casos é necessário uma ponderação generalizada, que vise tanto uma abordagem local como harmonize a energia vital que rege cada indivíduo e consecutivamente a componente física do animal. Nos casos de doenças agudas, realiza-se de igual forma uma repertorização, mas mais direccionada ao quadro clínico.

Da amostra deste estudo foi realizada repertorização em 36% (n=33) dos animais, que se apresentavam sobretudo em algum destes estados: debilitação severa, perturbações de foro etológico e agudizações recorrentes da doença.

A título de curiosidade, o medicamento homeopático mais repertorizado foi *Calcarea carbonica*, seguido de *Staphisagria* e *Bryonia*.

No artigo do Mathie et al. 2010, os medicamentos homeopáticos *Natrium muriaticum*, *Arsenicum album*, *Staphisagria* foram os mais prescritos na repertorização em gatos, enquanto que nos cães os mais utilizados foram *Pulsatilla*, *Sulphur*, *Phosphorus*, *Calcarea fluorica*, *Lycopodium*, e *Causticum* (Mathie et al., 2010). Todos os medicamentos homeopáticos referidos pertencem aos medicamentos denominados por policrestos, isto é, um grupo de 34 medicamentos de ampla aplicação prática, pois cobrem inúmeras sintomatologias, sendo indicados em várias situações clínicas (Sánchez, 2006; Hamilton, 1999).

Nos animais da amostra, nos quais foi identificado o *simillimum*, as potências escolhidas perante o estado que apresentavam eram de 30CH e 200CH. Normalmente, o medicamento homeopático *simillimum* é prescrito com potências médias (30CH) ou altas (200CH), visto que são potências mais energizadas que actuam também a nível mental/comportamental, mais indicadas em doenças crónicas e problemas de foro etológico (Luna, 2007). No entanto, não existe uma regra geral para prescrever estas potências, podendo variar de acordo com o animal, a doença ou estadio em questão e resposta ao tratamento (Chambreau, 2005b).

4.2. Considerações finais

Relativamente ao recurso de medicamentos homeopáticos para uma abordagem terapêutica combinada, será particularmente interessante referir o exemplo da cirurgia.

O tratamento homeopático é utilizado na ajuda aos pacientes no período pré e/ou pós-cirúrgico, para redução da dor e na consequente diminuição da dose/ frequência de administração da terapia convencional utilizada no manejo de dor. A *Arnica montana* é um medicamento homeopático frequentemente usado com este intuito, entre outros como a *Staphysagria* e o *Hypericum* (Clover, 1993). Recorreu-se ao medicamento homeopático *Arnica montana* 6CH em inúmeras cirurgias que não foram colocadas na amostragem estatística devido a falta de registos.

O medicamento homeopático *Phosphorus* foi várias vezes utilizado com o intuito de minimizar hemorragias intra e pós-cirúrgica.

Outra circunstância particularmente interessante do uso da homeopatia é referente a animais cuja administração de medicamentos seja difícil. Os medicamentos homeopáticos podem ser colocadas na água dos bebedouros aos quais os animais recorrem *ad libitum*, não sendo necessária uma administração forçada.

Como pródromo de conclusão será pertinente aludir à receptividade que se verifica na prática clínica ao tratamento homeopático.

Os proprietários em geral demonstram interesse em recorrer a medicamentos homeopáticos para tratar os seus animais. As razões mais comuns dessa receptividade relacionam-se com tentativas ineficazes anteriores de abordagem convencional, com o baixo-custo, com o facto de os próprios proprietários já recorrerem à homeopatia e com uma preferência por uma abordagem mais global e natural. Nos animais resgatados da rua, a escolha dos medicamentos homeopáticos justificou-se, principalmente, pelo baixo custo do medicamento.

Em casos clínicos mais complexos, existem ainda poucos profissionais que «ousam» prescrever a homeopatia em exclusivo. Como se trata de um tipo de terapêutica ainda envolvido em densa polémica, devido à dificuldade de estruturar ensaios clínicos que comprovem a eficácia dos resultados e à forte oposição da indústria farmacêutica, continua a haver um certo receio por parte do clínico em arriscar e assumir a responsabilidade no caso do resultado não ser o melhor, pois trata-se de uma área em que a Sociedade se encontra ainda em vias de desenvolver receptividade.

É evidente um recurso mais significativo às terapias complementares em casos crónicos e de difícil resolução e que manifestam um grande número de recidivas, o que reflectirá uma frustração clínica do/s médico/s veterinário/s que acompanha/m o caso, em

paralelo com a frustração e, por vezes mesmo exaustão, por parte do proprietário e do próprio animal. Isto é notório, tanto pela análise deste trabalho como pela análise dos artigos de Mathie et al., em que se verifica uma adesão a esta disciplina complementar em situações clínicas que se mostram difíceis de melhorar satisfatoriamente pelo tratamento convencional. No artigo de Mathie et al. (2010), conclui-se que os animais medicados com tratamento convencional demonstravam situações clínicas difíceis de resolver (Mathie et al., 2010).

Seria interessante que os colegas que referenciam casos comesçassem a fazê-lo numa fase mais prematura da doença, de forma a poderem ser também apresentados melhores resultados com as terapias complementares.

Este tipo de situação é perfeitamente natural em culturas em que o recurso a medicinas complementares ainda figura no campo da novidade e, por vezes, seja ainda considerado um ramo directo do exoterismo. Evidencia-se, assim, uma necessidade de uma abertura cultural para este tipo de alternativas terapêuticas, que só pode ser viável através de uma divulgação cuidada e cientificamente justificada das vantagens de complementar ou substituir uma terapia convencional com outra.

Por outro lado, parece evidente que, e concordando com Christina Chambreau (2006), alargar a visão terapêutica permite aumentar a satisfação dos proprietários, melhorar as taxas de cura dos animais e aprofundar a satisfação profissional. Por conseguinte cada animal receberá um tratamento adequado ao seu quadro clínico, de acordo com várias opções como a abordagem convencional, a homeopatia, a acupuntura, a fitoterapia chinesa e a quiroprática, entre outras modalidades (Chambreau, 2006).

Os proprietários da Clarinha, antes de recorrer à abordagem homeopática, colocavam a eutanásia como opção. Para evitar situações semelhantes, é necessário ter em conta que pode sempre haver uma modalidade terapêutica a experimentar, que mantenha com qualidade, a vida do animal (Chambreau, 2006).

Certamente que, neste tipo de casos é necessária uma colaboração entre os médicos veterinários, de modo a terem percepção relativamente à dificuldade perante os casos clínicos e referenciar a profissionais veterinários de medicinas complementares. Tal como referido por Mathie et al., a colaboração entre os profissionais homeopáticos e os convencionais, enriquece e contribui para a elevar a qualidade de conhecimento nesta área (Mathie et al., 2010). Consequentemente, a disseminação destas pesquisas permitirá perceber quando e em que circunstâncias o paciente beneficiará de um tratamento complementar.

Em França, na época de Hahnemann, os médicos convencionais pediram ao ministro que o proibisse de entrar no país. O ministro contestou, afirmando que se a homeopatia não funcionasse desapareceria por ela mesma. Não foi o que se verificou em 200 anos de existência e aplicação (Perestrelo, 2001).

No entanto, embora não se tenha extinguido, a homeopatia no domínio actual parece ainda enfrentar uma grande dificuldade no que concerne à sua receptividade e adesão. Sendo assim, algumas sugestões podem facilitar o reconhecimento e valorização da homeopatia na prática clínica favorecendo a sua expansão e conhecimento.

~ 5. Conclusão ~

Há já muitos anos que a homeopatia é descrita como uma das formas de “medicina alternativa”. Este termo tem sido largamente utilizado para designar diversos métodos de tratamento. Nos últimos anos, tem havido uma mudança nessa designação, sendo substituída por “complementar”, o que sugere um papel cooperativo e não competitivo. Tal implica que a homeopatia seja um método de tratamento que pode ser usado em conjunção com, ou como complemento de outros métodos de terapia adequados (Clover, 1993).

O fundamento da compreensão de toda esta temática será mais simples de seguir através de uma visão holística, ou seja, a visão de um animal como um todo. A terapia homeopática actua através de um realinhamento de todas as energias cooperantes na formação do corpo, ou seja, ao nível energético.

A consideração de outras linhas de terapia capazes de actuar em conjunto com a homeopatia, é também o objectivo de Hahnemann que pode ser lido no Organon, “procurar recuperar a saúde da forma mais rápida, suave, inócua e permanente possível” (Organon §2) (Clover, 1993).

O presente trabalho permitiu perceber que há um importante papel dos medicamentos homeopáticos na prática clínica o que, adequado a cada situação se pode demonstrar vantajoso.

É possível ainda confirmar que os medicamentos homeopáticos são mais utilizados em situações clínicas que desgastam os meios convencionais, que requerem terapêuticas que a longo prazo demonstram efeitos adversos, nomeadamente AINEs e corticoterapia, para o tratamento de determinadas doenças devido ao seu carácter crónico.

Tal como também é demonstrado nos artigos referidos de Mathie et al., as doenças mais representadas requerem uma certa exigência na resolução, deixando muitas vezes os profissionais veterinários e os proprietários com baixas expectativas.

E parece ser nestes pontos que a homeopatia se tem apresentado como opção, mostrando outro rumo de melhoria de qualidade de vida ou de possível cura.

Será certamente benéfico realizar, em futuras pesquisas, estudos mais amplos, com foco na prática clínica, de forma a englobar um número considerável de condições clínicas em várias espécies (Mathie et al., 2007).

Perante esta exposição, espera-se a possibilidade de um novo vislumbre do papel da homeopatia na rotina de uma clínica veterinária que, através de conhecimento e do desenvolvimento da experiência pode ser considerada uma importante terapia aliada no restabelecimento da saúde, e consequentemente, do bem-estar animal.

Bibliografia

Alves, J. M. (2005). *Homeopatia Essencial – Doutrina Homeopática, Matéria Médica, Relações entre os Medicamentos*. (1ª Ed, pp. 21, 45, 46, 29, 65). Sete Caminhos. Lisboa.

Barbara, J. (2000). *Homeopatia*. (1ª Ed, pp. 31-78, 86, 88, 90-93). Hugin. Lisboa.

Barollo, C. R. (2001). Ampliando o conceito de holismo. Acedido em 18 de Abril de 2011 em <http://www.nephsp.net>

Barollo, C. R. (2003). Homeopatia e pesquisa: Uma Medicina baseada na Investigação. *Informativo da Associação Paulista de Homeopatia*, 89 (15)

Barollo, C. R. (2007). Transdisciplinaridade e Homeopatia. Comunicação apresentada em II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade 2005, Vitória, ES

Bastide, M. (1998). Information and Communication in Living Organisms. In

Benites, N. R. (2008). *Introdução à Homeopatia*. Comunicação apresentada em I Jornadas de Homeopatia Veterinária, ULHT, Lisboa

Bonamin, L. V. (2007). Dados experimentais que fundamentam teorias interpretativas sobre ultradiluições. Tributo a Madeleine Bastide. In *Cultura Homeopática* 21, 29- 35

Bonamin, L. V. (2009). Sinais e Imagens: O Legado de Madeleine Bastide. In *Revista de Homeopatia* 72 (3/4), 5-8

Chambreau, C. (2005a). *Introduction to Homeopathy – Part I*. Comunicação apresentada no North American Veterinary Conference 2005, Orlando, Florida

Chambreau, C. (2005b). *Introduction to Homeopathy – Part II*. Comunicação apresentada no North American Veterinary Conference 2005, Orlando, Florida

Chambreau, C. (2006). *Practical use of Homeopathy in your Practice*. Comunicação apresentada no 2006 World Congress WSAVA/FECAVA/CSAVA

Chikramane, P. S., Suresh, A. K., Bellare, J. R., Kane, S. G. (2010). Extreme homeopathic dilutions retain starting materials: A nanoparticulate perspective. In *Homeopathy* 99, 231-242

Clausen, J., Albrecht, H. (2010). Database on veterinary clinical research in homeopathy. In *Homeopath*, 99, 189-191

Clover, A. (1993). *Homeopatia*. (1ª Ed, pp. 15, 81, 82, 83, 85). Editorial Estampa. Lisboa.

Demers, J. (2007). *An Introduction to Homeopathy*. Comunicação apresentada no North American veterinary Conference Proceedings 2007, Ithaca, NY (Acedido em 25 de Abril 2011 em International Veterinary Information Service Ivis, <http://www.ivis.org/proceedings/navc/2007/SAE/001.asp?LA=1>)

Eijzenberg B. (2008). Homeopatia e as evidências científicas: é o fim da questão?. *PEDIATRIA*, 29(4),246-248 (Acedido em 15 de Abril de 2011 em <http://lilacs.bvsalud.org/>)

Fernandes, F. M.S. Silva (1986). *Estrutura electrónica dos átomos* (pp. 36). Escolar Editora. Lisboa.

Hahnemann, S. F. (1810). *Organon da arte de curar* (5ª Ed, § 1, 2, 5, 7, 9, 10, 20, 68, 108).

Hamilton, D. (1999). *Homeopathic Care for Cats and Dogs – Small Doses for Small Animals*. (pp. 4-9, 30,125-136). North Atlantic Books. California

Hopathy (2009). James Tyler Kent. Acedido em 6 Maio 2011 em <http://hopathy.com/homeopathic-biographies/james-tyler-kent/>

Isaacs, A. (1996). *Dicionário Breve de Física*. (1ª Ed, pp. 195, 375). Editorial Presença. Lisboa

Kent, J.T. (2000). *Repertory of the Homeopathic Medicine*. (6ª Ed, pp. 328, 329). B. Jain Publishers, LTD. USA-Europe-India

Kossak- Romanach, A. (2003). *Homeopatia em 1000 conceitos*. (3ª Ed, pp.163, 173, 361- 370, 489- 496) ELCID. São Paulo

Khuda-Bukhsh, A. R. (2003). Towards understanding molecular mechanisms of action of homeopathic drugs: An overview. In *Molecular and Cellular Biochemistry* 253, 339–345

Lobão, A. O. (1994). A Homeopatia e os animais de companhia. *Jornal de Piracicaba, Piracicaba/SP*, pp. 26-29

Luna, S. P. L. (2007). *Sebenta de Homeopatia Veterinária*. Comunicação apresentada em Medicinas Alternativas na rotina do Medico Veterinário, FMV-ULHT, Lisboa

Lockie, A. (2001). *Enciclopédia de Homeopatia – Guia prático de Remédios Homeopáticos para os principais problemas de saúde*. (1ªEd, pp. 12-17, 18-20, 28-29). Editora Civilização. Barcelos. P.

Malik, N. (2011). Status of Homeopathy: Development, Status, WHO, Time-Line, Popularity, Quotes. Acedido em 20 Janeiro 2012 em <http://knol.google.com/k/nancy-malik/status-of-homeopathy/pocy7w49ru14/7>

Mathie, R. T., Hansen, L., Elliot, M. F., Hoare, J. (2007). Outcomes from homeopathic prescribing in veterinary practice: a prospective, research-targeted, pilot study. In *Homeopathy*, 96, 27-34

Mathie, R. T., Baitson, E. S., Hansen, L., Elliot, M. F., Hoare, J. (2010). Homeopathic prescribing for chronic conditions in feline and canine veterinary practice. In *Homeopathy*, 99, 243-248

Morato S. (2006). A arte de curar. Acedido em 18 de Abril de 2011 em http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/arquivos/arquivo_348_cesaho.pdf.

Niza, L. A. Mestrinho, C. L. Vilela (2004). Gengivo-estomatite crónica felina - um desafio clínico. In *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, 99 (551), 127-135.

Perestrelo, R. (2001). *Homeopatia*. Comunicação apresentada no ano lectivo 2001/2002 do Curso de Homeopatia pelo Instituto de Formação Superior em Bioterapias. Lisboa

Reger, D., Goode, S., Mercer E. (1997). *Química – Princípios e Aplicações*. (1ªEd, pp. 110). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Sánchez, C. M., Blázquez, J. R.T. (2006). *Homeopatia Veterinária – Matéria Médica, Casos Clínicos e comentários*. (pp. 5-9, 10-14, 21-27, 29-33) Dilema Editora. Madrid.

Shealy, N. C. (1998). *Guia familiar completo de medicinas alternativas : uma enciclopédia ilustrada de curas naturais*. (1ª Ed, pp. 82). Lello Editores. Porto.

Silva, C.P.S., F.F; Cardoso,M. V.; César, A.T; Sollero,P. A., *Uso de Bioterápico de Mycoplasma Spp. em rebanho Bovino Leiteiro*. Cultura Homeopática, 2005. 13: p. 43-48.

Silva, F. B. (2006). *Los Animales y la Homeopatía - Teoria y Experiencia*. (1ª Ed, pp. 161-169) Dilema Editorial. Madrid.

Smith, C. W. (2004). Quanta and Coherence Effects in Water and Living Systems. In *The Journal of Alternative and Complementary Medicine*, 10 (1), 69-78

Stumpf, W. (1997). O Grande Livro da Homeopatia. (1ªEd, pp. 6-11). Everest Editora. Cabra Figa

Sunila, E. S.; Kuttan, R.; Preethi, K. C.; Kuttan, G. (2009). Dynamized Preparations in Cell Culture. In *eCAM*, 6 (2), 257-263

Ullman, D. (2010). Worldwide Popularity Grows for Homeopathy Alternative Medicine. Acedido em 20 de Janeiro 2012 em

<http://ukiahcommunityblog.wordpress.com/2010/03/04/worldwide-popularity-grows-for-homeopathy-alternative-medicine/>

Vanderlei, C. E. D (2010). *A Homeopatia numa perspectiva sistêmica – Contribuições da saúde para o desenvolvimento local sustentável*. (pp. 24-29). Dissertação de Mestrado. Universidade de Pernambuco – Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco. Recife

Vithoulkas, G. (1980). *Homeopatia – Ciência e Cura* (pp.74, 99, 106, 116). Cultrix. São Paulo.

Vockeroth, W. G. (1999). Veterinary Homeopathy: An overview. *Can Vet J*, 40, 592-594.

Weir, M. B. (2011). Homeopathic philosophy: its importance in the treatment of chronic diseases. In *Homeopathy*, 100, 11-17